



A INFLUÊNCIA DAS “CINQUENTA SOMBRAS DE GREY” NO CONSENTIMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS

SARA FILIPA SALGADO FREITAS

junho, 2017

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, área de Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Joana Patrícia Pereira de Carvalho***, professora auxiliar da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, investigadora do Centro de Psicologia da Universidade do Porto (ULHT; CPUP-Universidade do Porto).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Esta dissertação reflete todo um sentimento de realização proveniente da superação de vários obstáculos e vitórias alcançadas nestes últimos cinco anos. No entanto, nada disto seria possível sem o contributo e apoio constante de algumas pessoas, pelo que não podia deixar de lhes agradecer.

À Doutora Joana Carvalho, pela disponibilidade, orientação, conhecimento, compreensão e incentivo. Por me ter proporcionado a confiança necessária para querer fazer mais e melhor.

A toda a equipa do SexLab, por me terem feito sentir bem-vinda e valorizada desde o primeiro dia. Pelos conselhos e críticas construtivas que me permitiram realizar um trabalho com maior qualidade.

A todas as mulheres que permitiram que este trabalho fosse avante pela sua participação e interesse manifestado. Por me terem deixado entrar no seu mundo mais íntimo.

Aos amigos da faculdade, àqueles que, de alguma forma, marcaram este meu percurso. Pelo apoio, ajuda mútua, conselhos e partilha, de ambições, de angústias, de sucessos e de fracassos. Um agradecimento especial à Ana e à Sónia pela amizade criada desde o início, por terem sempre uma palavra de carinho e encorajamento.

À minha família, pelo apoio e compreensão dos momentos em que estive mais ausente. Obrigada pela admiração e confiança que depositam em mim. À Magda que, apesar da distância, deu o seu contributo para ajuda da elaboração do resumé. Um especial obrigado à tia Lurdes que, apesar de não estar presente fisicamente, é a minha fonte de inspiração desde criança.

À minha mãe, pelo trabalho árduo que me proporcionou seguir os meus sonhos. Ao meu pai, por me ter sempre incentivado a dar o melhor de mim. E à minha irmã Tânia, por estar sempre presente em todos os momentos; por ter sido um modelo para mim, um exemplo de força, coragem, empenho e dedicação.

Ao Pedro, por ser o meu melhor amigo, companheiro de todas as horas, o meu refúgio. Por ter acreditado em mim quando eu própria duvidei. Obrigada pelo amor, carinho, compreensão, amizade e sentido de humor. Obrigada por alegrares os meus dias!

Resumo

A cultura popular atual tem despertado um interesse crescente junto dos investigadores nos dias de hoje por aludir a representações de género estereotipadas, pelo que estes consideram ser uma forma de reforçar a violência contra o parceiro íntimo, como é o caso da obra “Cinquenta Sombras de Grey”. Já outros autores defendem que a exposição a este tipo de narrativas permite que as mulheres sejam livres para recuperar a sua sexualidade e rejeitar a opressão. Neste sentido, considerando o poder da cultura popular de moldar e condicionar os comportamentos sexuais das pessoas, este estudo exploratório teve como objetivo compreender de que forma a exposição à saga “Cinquenta Sombras de Grey” poderá influenciar o modo como as estudantes universitárias expressam o seu consentimento sexual.

Para tal, utilizou-se um questionário *online* que averiguou, principalmente, a exposição à leitura e à visualização da obra, satisfação face às mesmas e a forma como as estudantes expressam o seu consentimento sexual – escalas traduzidas de Jozkowski e colaboradores (2014b). A amostra deste estudo é constituída por 536 estudantes universitárias, ou seja, do sexo feminino, do ensino superior português, público e privado, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos e que já estiveram envolvidas em relações sexuais com penetração vaginal.

Os resultados revelaram que as estudantes expostas à leitura da obra utilizam mais os sentimentos para transmitirem a sua vontade para a atividade sexual, enquanto que à medida que a satisfação à leitura da obra aumenta, menor a utilização de sentimentos e de atos comportamentais e/ou verbais como forma de transmitirem o seu consentimento sexual. Uma análise às perspetivas das estudantes quanto à influência da obra em geral nos seus comportamentos sexuais mostrou que esta lhes proporcionou um desejo para experimentar novas práticas sexuais, uma postura diferente perante o sexo e um maior conhecimento quanto à diversidade de práticas sexuais.

Assim, torna-se essencial contribuir para a (re)construção de significados junto de homens e mulheres que contribuam para o desenvolvimento de uma perspetiva mais igualitária em volta dos papéis de género.

Palavras-chave: Agressão sexual; Consentimento sexual; “Cinquenta Sombras de Grey”; Estudantes universitárias; Papéis de género

Abstract

The current popular culture has attracted an increasing interest among researchers today by alluding to stereotypical gender representations, by what they consider to be a way to reinforce violence against an intimate partner, such as the “Fifty Shades of Grey” series. Other authors argue that exposure to this type of narrative allows women to be free to regain their sexuality and reject oppression. In this sense, considering the power of popular culture to shape and condition people's sexual behaviors, this exploratory study aimed to understand how the exposure to the “Fifty Shades of Grey” series could influence how college students express their sexual consent.

For this, an online survey was used, which verified, mainly, the exposure to reading and visualization of the series, satisfaction with them and the way students express their sexual consent – translated scales of Jozkowski and collaborators (2014b). The sample of this study is made up of 536 college students, that is, females, Portuguese higher education, public and private, aged between 18 and 25 years and who were already involved in sexual intercourse with vaginal penetration.

The results revealed that the students exposed to the reading of the series use more the feelings to transmit their will to the sexual activity, whereas as the satisfaction to the reading of the series increases, the less the use of feelings and behavioral and/or verbal acts as a means of transmitting their sexual consent. An analysis of the students’ perspectives on the influence of the series in general on their sexual behavior has shown that it has given them a desire to experiment new sexual practices, a different attitude towards sex and a greater knowledge of the diversity of sexual practices.

Thus, it is essential to contribute to the (re)construction of meanings among men and women that contribute to the development of a more egalitarian perspective around the gender roles.

Key-words: Sexual assault; Sexual consent; “Fifty Shades of Grey”; College students; Gender roles

Résumé

La culture populaire actuelle a éveillé un intérêt croissant chez les chercheurs de nos jours parce qu'elle fait allusion à des représentations de genre stéréotypées, ce qu'ils considèrent être une forme de renforcer la violence contre le partenaire intime, comme c'est le cas de "Cinquante Nuances de Grey". À l'opposé, d'autres auteurs défendent que l'exposition à ce type de récits permet aux femmes d'être libres de récupérer leur sexualité et de rejeter l'oppression. Dans ce sens, considérant le pouvoir de la culture pour mouler et conditionner les comportements sexuels des personnes, cette étude exploratoire a eu comme objectif comprendre de quelles formes l'exposition à la saga "Cinquante nuances de Grey" pourra influencer la façon dont les étudiantes universitaires expriment leur consentement sexuel.

Pour ce faire, nous avons utilisé un questionnaire *online* qui a abordé, principalement, l'exposition à la lecture et au visionnage de l'œuvre, la satisfaction face à celles-ci et la façon dont les étudiantes universitaires expriment leur consentement sexuel – échelles traduites de Jozkowski et collaborateurs (2014b). L'échantillon de cette étude est constitué de 536 étudiantes universitaires, c'est-à-dire, du sexe féminin, de l'enseignement supérieur portugais, public ou privé, dont l'âge est compris entre 18 et 25 ans et qui ont déjà eu des relations sexuelles avec pénétration vaginale.

Les résultats ont révélé que les étudiantes exposées à la lecture de l'œuvre utilisent plus les sentiments pour transmettre leur volonté à l'activité sexuelle, tandis qu'à mesure que la satisfaction à l'égard de l'œuvre augmente, l'utilisation de sentiments et d'actes comportementaux et/ou verbaux comme manière de transmettre leur consentement sexuel diminue. Une analyse aux perspectives des étudiantes quant à l'influence de l'œuvre dans leurs comportements sexuels a démontré que celle-ci leur a donné l'envie d'essayer des nouvelles pratiques sexuelles, une posture différente face au sexe et une plus grande connaissance quant à la diversité des pratiques sexuelles.

C'est ainsi que, il devient essentiel de contribuer à la (re)construction de significations auprès d'hommes et de femmes contribuant ainsi au développement d'une perspective plus égalitaire autour des rôles de genre.

Mots-clés: Agression sexuelle; Consentement sexuel; "Cinquante Nuances de Grey"; Étudiantes universitaires; Rôles de genre

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento Teórico	2
1.1. A Violência Sexual em Contexto Universitário	2
1.1.1. O contexto internacional	2
1.1.2. O contexto português	4
1.2. O Consentimento Sexual	5
1.2.1. A literatura sobre o consentimento sexual.....	5
1.2.2. A comunicação e interpretação do consentimento sexual	7
1.2.3. O consentimento sexual interno e externo	8
1.2.4. A ligação entre o consentimento e a agressão sexual	10
1.3. A Cultura Popular Contemporânea	10
1.3.1. O poder dos <i>mass media</i>	10
1.3.2. A leitura de revistas e a negociação do consentimento sexual	11
1.3.3. A ficção popular: normalização da violência contra a mulher	12
1.3.4. As “cinquenta sombras de grey” e a violência por parte do parceiro íntimo	13
1.3.5. As “cinquenta sombras de grey” e os riscos para a saúde	14
1.3.6. Consumo de materiais sexualmente explícitos: papel libertador ou prejudicial na sexualidade das mulheres?	15
1.4. Objetivos do Estudo	16
II – Método	17
2.1. Participantes.....	17
2.2. Medidas.....	17
2.2.1. Ficha sociodemográfica.....	17
2.2.2. Questionário sobre a obra “Cinquenta Sombras de Grey”	17
2.2.3. Escalas de consentimento sexual – versão traduzida	18
2.3. Procedimento de Recolha de Dados	19
2.4. Procedimento de Análise de Dados	20

III. Resultados	21
3.1. Abordagem Quantitativa	21
3.1.1. Estudo preliminar: análise fatorial exploratória para a ECI e ECE ..	21
3.1.1.1. <i>Desenvolvimento das escalas</i>	21
3.1.2. Estudo principal	24
3.1.2.1. <i>Efeitos da exposição à leitura da obra.....</i>	24
3.1.2.2. <i>Efeitos de exposição ao visionamento do filme</i>	25
3.1.2.3. <i>Efeitos do tipo de relacionamento</i>	27
3.1.2.4. <i>Efeitos do estado de relacionamento</i>	30
3.1.2.5. <i>Correlações entre a satisfação à leitura do(s) livro(s) e as</i> <i>dimensões das escalas do consentimento</i>	32
3.1.2.6. <i>Correlações entre a satisfação do visionamento do filme e as</i> <i>dimensões das escalas do consentimento</i>	32
3.2. Abordagem Qualitativa	34
IV. Discussão	36
4.1. Discussão dos Resultados	36
4.2. Limitações do Estudo e Sugestões para Investigação Futura	40
V. Conclusão	43
Referências Bibliográficas	45

Índice de Anexos

Anexo A. Questionário apresentado <i>online</i>	52
Anexo B. Tabela com as saturações fatoriais para a ECI	59
Anexo C. Tabela com as saturações fatoriais para a ECE	61
Anexo D. Tabela com a distribuição dos itens da ECI e ECE por cada um dos seus fatores	63
Anexo E. Tabela com as categorias resultantes da análise de conteúdo para a questão B3	64
Anexo F. Tabela com as categorias resultantes da análise de conteúdo para a questão C3	65
Anexo G. Tabela com as categorias resultantes da análise de conteúdo para a questão B4	67
Anexo H. Tabelas com as categorias resultantes da análise de conteúdo para a questão C4	69

Índice de Tabelas

Tabela 1. Matriz de Correlação entre a ECI e seus fatores internos, e entre a ECE e seus fatores externos (n= 536).....	23
Tabela 2. Diferenças encontradas entre o Grau de exposição à leitura da obra para cada uma das dimensões do Consentimento Interno e do Consentimento Externo (n= 536)	25
Tabela 3. Diferenças encontradas entre o Grau de exposição ao visionamento do filme para cada uma das dimensões do Consentimento Interno e do Consentimento Externo (n= 536).....	26
Tabela 4. Diferenças encontradas entre o Tipo de Relacionamento para cada uma das dimensões do Consentimento Interno e do Consentimento Externo (n= 536).....	29
Tabela 5. Diferenças encontradas entre o Estado de Relacionamento para cada uma das dimensões do Consentimento Interno e do Consentimento Externo	31
Tabela 6. Matriz de correlação entre o Grau de satisfação à leitura da obra e o Grau de satisfação ao visionamento do filme para cada um dos fatores do Consentimento Interno e do Consentimento Externo	33

Abreviaturas

ICS	<i>Internal Consent Scale</i>
ECS	<i>External Consent Scale</i>
ECI	Escala de Consentimento Interno
ECE	Escala de Consentimento Externo
MANOVA	Análises Multivariadas de Variância
AFE	Análise Fatorial Exploratória
IPV	<i>Intimate Partner Violence</i>
BDSM	Bondage/Disciplina-domínio/Submissão-sadismo/Masoquismo

Introdução

Nos últimos anos tem-se assistido a um crescente interesse, tanto a nível científico como social sobre o tema da violência sexual ocorrida em contexto universitário, uma vez que se trata de um grupo pertencente à mesma faixa etária que a maior parte das vítimas e agressores de violência sexual (Koss, Gidycz, & Wisniewski, 1987). Por sua vez, a agressão sexual pode ocorrer quando um indivíduo não obtém o consentimento ou ignora qualquer recusa por parte do outro em envolver-se na atividade sexual (Hust et al., 2014), daí a importância de se estudar a forma como as estudantes universitárias expressam o seu consentimento sexual, já que estudos indicam que este não é expresso de forma explícita ou verbal (e.g., Hall, 1998). Neste sentido, e tendo em conta que a cultura popular atual tem tendência a aludir a representações de género estereotipadas, alguns autores consideram que esta apresenta um carácter reforçador da violência contra o parceiro íntimo (e.g., Bonomi, Altenburger, & Walton, 2013), como é o caso da obra “Cinquenta Sombras de Grey”. Desta forma, estes autores consideram existir condições sociais subjacentes que criam um contexto propiciador à ocorrência de violência, incluindo a normalização e a romantização da violência na cultura popular (Bonomi et al., 2013).

Assim, o primeiro capítulo deste trabalho dedica-se ao enquadramento teórico do conceito de violência sexual em contexto universitário, considerando as suas formas de expressão e prevalência, tanto em contexto internacional, como português; depois, introduziu-se o conceito de consentimento sexual, explorando-se a sua associação com a agressão sexual e suas formas de expressão e interpretação; e, finalizou-se com uma reflexão acerca dos estudos existentes em volta da cultura popular contemporânea, nomeadamente o poder de influência dos meios de comunicação social, a sua relação com a normalização da violência contra a mulher e com a obra “Cinquenta Sombras de Grey”. No segundo capítulo, é apresentado o método deste estudo, tendo-se assumido uma metodologia mista que compreendeu uma abordagem quantitativa e qualitativa dos dados. De seguida, no terceiro capítulo, são apresentados os resultados encontrados, pelo que o quarto capítulo dedica-se à discussão e reflexão dos mesmos, comparando-os às informações encontradas na literatura, à apresentação das limitações deste estudo e sugestões para estudos posteriores. Por fim, na última parte encontra-se presente a relevância prática e social destes resultados e suas implicações.

I – Enquadramento Teórico

1.1. A Violência Sexual em Contexto Universitário

“Depois do Não, Pára!” (APAV, 2012)

O conceito de violência sexual é concetualizado por Koss e Oros (1982, p. 455) como um comportamento extremo que pertence a um contínuo, onde se encontra também presente o comportamento considerado normal numa dada cultura, e que vai desde “(...) *intercourse achieved through verbal coercion and threatened force to intercourse achieved against consent through use of physical force (rape)*”. Mais especificamente, os diferentes tipos de comportamentos sexualmente violentos pertencentes a este contínuo, segundo Peixoto, Matos e Machado (2013, p.136), podem ser:

(1) o *contacto sexual* (e.g., carícias e beijos), geralmente alcançado através do recurso à pressão verbal, ao abuso de autoridade ou à utilização de ameaças ou da força física; (2) a *coerção sexual*, que inclui praticar relações sexuais indesejadas, com recurso privilegiado à ameaça através da coerção verbal ou do abuso de autoridade; (3) a *tentativa de violação*, que implica tentar ter relações sexuais indesejadas, através do uso da ameaça, da força ou de drogas e/ou álcool; (4) a *violação sexual*, que inclui a prática de relações sexuais indesejadas e implica a utilização da ameaça ou uso da força física ou, ainda, o uso de drogas e álcool, podendo englobar vários tipos de atos sexuais não consentidos (relação sexual oral, anal, penetração digital ou com recurso a objetos).

1.1.1. O contexto internacional.

Apesar de durante cerca de duas décadas, a investigação científica ter privilegiado o estudo da violência nas relações de intimidade no casamento/união de facto, nos últimos trinta e cinco anos tem-se assistido a um aumento de estudos que pretendem conhecer a prevalência e as dinâmicas violentas relativas à intimidade juvenil (Caridade & Machado, 2013). Este interesse surgiu no seguimento de um estudo pioneiro desenvolvido por Makepeace (1981), tendo revelado que um em cada cinco estudantes universitários era

afetado por este problema e que 61% dos participantes revelava conhecer jovens com experiências de namoro abusivas.

Desta forma, a comunidade científica internacional procurou determinar a prevalência tanto da agressão, como da vitimação, dos diferentes tipos de abuso sucedidos nos relacionamentos amorosos dos jovens (Caridade & Machado, 2013). Ainda que o estudo da violência física tenha sido privilegiado, segundo Caridade e Machado (2013), ainda hoje permanece uma clara preocupação para se analisar a agressão psicológica, não esquecendo a agressão sexual que tem vindo a suscitar grande atenção a nível internacional, sobretudo junto dos jovens universitários, já que se trata de um contexto com registos de elevados índices de agressão sexual. Salienta-se o estudo de Krebs, Lindquist, Warner, Fisher e Martin (2009), em que quase 20% das mulheres universitárias incluídas na sua amostra experienciaram algum tipo de violação sexual completa, desde que entraram no ensino superior.

Por exemplo, no estudo de Koss e colaboradores (1987), os resultados indicaram que 25% dos homens universitários relataram terem estado envolvidos em algum tipo de agressão sexual e 54% das mulheres revelaram alguma forma de vitimização sexual. A este respeito, realçam-se também os resultados obtidos no estudo de Flack e colaboradores (2008), pois indicaram existir mais mulheres do que homens a relatar experiências de sexo indesejado enquanto se encontravam em contexto universitário, sendo que, a taxa de prevalência para as mulheres foi de quase 44%, em comparação com uma taxa de prevalência para homens de cerca de 7%. Deste modo, verificou-se, durante estas últimas duas décadas, um aumento da importância da prevenção contra a violação sexual nas instituições de ensino superior, uma vez que se verificou que a vitimização sexual entre mulheres universitárias é muito mais prevalente relativamente ao que se pensava anteriormente (Greene & Navarro, 1998).

Contudo, Larimer, Lydum, Anderson e Turner (1999) investigaram as taxas de prevalência relativamente à experimentação e instigação de coerção sexual, força física e outros tipos de contato sexual indesejado num sistema universitário grego, sendo que os resultados indicaram que os homens eram tão prováveis de serem as vítimas de coerção sexual como as mulheres desta amostra, embora as mulheres fossem mais propensas a ser vítimas de força física.

Por outro lado, a investigação indica que grande parte das agressões sexuais ocorre em contextos relacionais de intimidade, particularmente nas relações de namoro (Koss, Dinero, Seibel, & Cox, 1988). Muhlenhard e Linton (1987) ao estudarem a incidência das

diferentes formas de agressão sexual exercidas em contexto de namoro, encontraram que 77.6% das mulheres e 57.3% dos homens estiveram envolvidos em algum tipo de agressão sexual, sendo que 15% das mulheres e 7% dos homens tinham sido vítimas de violação sexual nas suas relações íntimas. Além disto, o estudo de Koss e colaboradores (1988) encontrou que a taxa de prevalência do *date/acquaintance rape* (i.e., violação sexual cometida por alguém conhecido da vítima) situava-se entre os 80% e os 90% de todas as violações sexuais, enquanto que o *stranger rape* (i.e., violação sexual cometida por alguém completamente estranho à vítima) apenas ocorria 10% a 20% das vezes. É de salientar que a violação sexual quando cometida por conhecidos da vítima foi menos provável de ser vista como uma violação sexual ou de ser revelada a alguém relativamente à violação sexual cometida por um estranho (Koss et al., 1988). A este respeito, Hall e Barongan (1997) defendem que o comportamento sexualmente agressivo é produto de uma cultura onde este tipo de ato é tendencialmente tolerado, aceite e muitas vezes recompensado.

1.1.2. O contexto português.

A ênfase na violência marital e subsequente omissão da violência ocorrida em outros domínios relacionais foi igualmente evidente no contexto científico português (Machado, Caridade, & Martins, 2010), sendo que apenas recentemente se começaram a encetar esforços de investigação no domínio da violência sexual, pelo que os estudos específicos sobre a temática da violência na intimidade juvenil são ainda escassos (Peixoto et al., 2013).

No que diz respeito à agressão sexual, Carvalho, Quinta-Gomes e Nobre (2013) conduziram um estudo preliminar com o objetivo de caracterizaram uma amostra de agressores sexuais estudantes universitários portugueses tendo em conta o seu funcionamento sexual. Desta amostra verificou-se que 35 estudantes (de 161 participantes masculinos) relataram praticar agressão sexual contra as mulheres. Estes estudantes, que relataram agressão sexual contra as mulheres, apresentaram significativamente mais dificuldades eréteis e de orgasmo, e mais inibição sexual perante ameaça de fracasso sobre o seu desempenho sexual, relativamente ao grupo de controlo (estudantes sem história de agressão sexual), maior constrangimento sexual, e mais esquemas de indesejabilidade e incompetência (Carvalho et al., 2013).

Por outro lado, a agressão sexual cometida por mulheres tem sido alvo de pouca investigação empírica e para muitas pessoas ainda é vista como um mito. Desta forma, Carvalho e Nobre (2016) levaram a cabo um estudo com o objetivo de avaliar o perfil

psicosssexual de mulheres jovens e instruídas que relataram agressão sexual contra os homens. Verificou-se que 35.8% de estudantes universitárias relataram utilizar estratégias sexualmente agressivas para obterem contacto sexual, sendo que 46.2% das mulheres sexualmente agressivas enquadravam-se na categoria de coerção sexual, 34.1% enquadravam-se na categoria de abuso sexual e 19.8% relataram ter usado força física. Ainda, os resultados revelaram que as mulheres sexualmente agressivas relataram níveis significativamente mais elevados de sócio-sexualidade, fantasias sexuais de domínio e submissão, compulsão sexual, excitação sexual, e inibição sexual perante ameaça de fracasso sobre o seu desempenho sexual (Carvalho & Nobre, 2016).

1.2. O Consentimento Sexual

“Consent is simple. If it’s not yes, it’s no” (Project Consent, 2014)

O consentimento sexual pode ser concetualizado de várias maneiras: como um sentimento ou uma decisão, como um acordo explícito, ou como um comportamento indicativo de vontade; como algo que pode ser presumível ou como algo que deve ser explicitamente dado; e, como um evento discreto ou como um processo contínuo. Esta concetualização torna-se ainda mais complicada de definir por interferência de outros fatores, já que, normalmente, as pessoas têm sentimentos de ambivalência ou incerteza acerca do que querem ou do que estão dispostas a fazer; depois, as expetativas de género e o duplo padrão sexual criam ambientes desiguais para mulheres e homens; ainda, muitos estudantes universitários envolvem-se em festas e bebidas fortes, sendo que mesmo as expressões de acordo podem ser questionadas sob certas condições (e.g., se o indivíduo estava intoxicado ou estava a ser pressionado ou ameaçado). Deste modo, torna-se difícil averiguar quando é que se está perante estas situações, ou seja, quando é que uma intoxicação é demasiada para dificultar a expressão do consentimento, ou que tipos de pressão ou ameaças são realmente sérios para impedir que seja dado consentimento (Muehlenhard, Humphreys, Jozkowski, & Peterson, 2016).

1.2.1. A literatura sobre o consentimento sexual.

A literatura tem sugerido que o consentimento sexual pode ser dado a um parceiro de uma ou de duas formas após Muehlenhard (1995/1996, citado em Jozkowsky, 2013) se

ter questionado o que é que realmente significa consentir a atividade sexual. Desta forma, o consentimento sexual pode ser definido como um ato mental, correspondendo a uma decisão interna acerca da vontade de um ou de ambos os parceiros para se envolverem em atividade sexual, sem que haja uma comunicação aberta entre os dois; ou como um ato verbal ou comportamental, consistindo na expressão verbal ou comportamental da vontade dos parceiros para se envolverem em atividade sexual.

Na verdade, vários investigadores começaram a considerar a teoria do consentimento como um ato mental, tal como supracitado, tendo descoberto a existência de sentimentos internos associados com a vontade de a pessoa se envolver em atividade sexual (querer/acordo) que são distintos dos indicadores verbais ou comportamentais externos do consentimento. Por exemplo, Peterson e Muehlenhard (2007) chegaram à conclusão que as pessoas podem envolver-se em sexo consensual que não desejam (*compliant sex*), isto é, sexo que é internamente indesejado, mas externamente concordado, e podem desejar sexo que não consentem (*token resistance*), ou seja, sexo que é desejado internamente, mas inicialmente não concordado no que diz respeito aos sinais verbais/comportamentais externos.

Em comparação com a literatura acerca da violação/agressão sexual, o consentimento é pouco estudado (Beres, 2007). Não obstante, alguns estudos analisaram explicitamente a forma como o consentimento é comunicado entre os estudantes universitários. Por exemplo, Hall (1998), através do seu estudo, descobriu que a permissão para a atividade sexual foi principalmente dada de forma não-verbal através do beijo, do aumento da proximidade física, do toque íntimo e, em menor grau, do sorriso. Além disso, muitos participantes sinalizaram o seu consentimento por não responderem ou resistirem aos avanços do seu parceiro. No entanto, quanto mais íntimo o comportamento, mais provável era de ser dada a permissão oralmente. Quanto ao estudo de Hickman e Muehlenhard (1999) constatou-se que os participantes usaram métodos verbais, não verbais, diretos e indiretos para sinalizarem o consentimento sexual, sendo que os sinais não-verbais indiretos foram classificados pelos participantes como o melhor indicador do consentimento sexual de um parceiro. Já no estudo conduzido por Jozkowski (2011), verificou-se que, no geral, os estudantes universitários indicam o consentimento com mais frequência através de sinais verbais (por exemplo, dizer que “sim” quando solicitado para fazer sexo; pedir ao parceiro para terem relações sexuais; pedir por um preservativo). Todavia, os homens são mais prováveis do que as mulheres para indicar o seu consentimento através de sinais não-verbais e as mulheres são mais prováveis do que os

homens para indicar o consentimento verbalmente quando questionadas pelo seu parceiro se querem envolver-se em atividade sexual. O surgimento das diferenças de gênero ao indicar o consentimento pode refletir *scripts* sexuais tradicionais em que se espera que sejam os homens a iniciar o sexo e as mulheres são esperadas para funcionar como *gatekeepers* sexuais, decidindo se o sexo irá realmente ocorrer (Jozkowski, 2011). Na verdade, os *scripts* tradicionais são habitualmente retratados nos *media* da cultura popular pelo facto de serem as personagens masculinas a procurar ativamente e agressivamente o contacto sexual e as mulheres a utilizarem a objetivação de si próprias e a serem julgadas pelo seu comportamento sexual (Kim et al., 2007). Relativamente ao modo como os estudantes universitários interpretam os sinais dos seus parceiros para consentirem com o sexo, Jozkowski (2011) descobriu que os estudantes universitários utilizavam mais sinais não-verbais (por exemplo, o contato do olhar com o parceiro, o movimento do corpo, o beijar). Estes resultados vão ao encontro dos encontrados por Jozkowski, Peterson, Sanders, Dennis e Reece (2014a), tendo os autores concluído que estas diferenças de gênero podem ajudar a explicar alguns desentendimentos ou interpretações erradas do consentimento transmitido por uma pessoa que se envolve em atividade sexual, o que poderá contribuir para a ocorrência de *acquaintance rape*.

1.2.2. A comunicação e interpretação do consentimento sexual.

Com o intuito de preencherem a lacuna encontrada no estudo do consentimento, Jozkowski e Peterson (2013) conduziram um estudo em que solicitaram aos estudantes universitários heterossexuais (homens e mulheres) que relatassem a forma como indicavam o seu consentimento para se envolverem em comportamentos sexuais e como interpretavam o consentimento dado pelos seus parceiros(as). Após a análise das respostas dos participantes emergiram indutivamente a partir dos dados quatro temas distintos.

Em relação ao primeiro tema, os autores encontraram que tanto as mulheres como os homens pareciam comportarem-se de acordo com o *script* sexual tradicional, na medida em que os homens reportaram questionar as mulheres se queriam ter relações sexuais (22.4%) e as mulheres afirmaram que indicavam o consentimento respondendo sim ou dizendo ao seu parceiro que queriam ter relações sexuais após lhes ser solicitado (47.0%). Tais concetualizações limitam a expressão sexual das mulheres e dos homens através do seu confinamento a papéis específicos e que podem contribuir para um ambiente social que suporta a agressão sexual (Jozkowski & Peterson, 2013).

O segundo tema refere-se à responsabilidade das mulheres para realizar sexo oral, este emergiu através das respostas dadas pelos participantes relativamente ao item que questionava acerca de como eles indicavam o seu consentimento para o sexo oral, pelo que a maioria dos homens (62.4%) interpretou a questão como se estivesse a perguntar como é que eles iriam concordar em receber sexo oral, parecendo assumir que são as mulheres que realizam o sexo oral nos homens e não o inverso. De forma similar, a maioria das mulheres (64.0%) interpretou a questão como se estivesse a perguntar como é que elas indicariam o seu consentimento para realizar sexo oral (Jozkowski & Peterson, 2013).

O terceiro tema a surgir através dos itens diz respeito à presença de agressão masculina contra as mulheres, pelo que alguns homens (14.1%) indicaram usar estratégias agressivas para indicar o seu consentimento para o sexo, já que vários homens responderam que diriam às suas parceiras que iriam ter sexo com elas (27.1%), o que parece implicar uma ordem. Entre as respostas das mulheres, nada pareceu indicar a existência do uso de táticas agressivas no seu consentimento (Jozkowski & Peterson, 2013).

Um quarto tema, inesperado para os autores, surgiu relacionado com a utilização do engano no contexto do consentimento. Entre os itens relativos ao coito (penetração vagina-pénis; penetração anal), alguns homens reportaram utilizar técnicas e comportamentos enganosos como um mecanismo para indicarem o seu consentimento, enquanto que nenhuma mulher reportou utilizar este tipo de comportamento. Especificamente, uma pequena percentagem de homens escreveu que inseria o seu pénis na vagina (12.9%) /ânus (11.8%) da mulher e que fingia que tal acontecimento teria ocorrido por engano. Embora apenas uma minoria de homens ter indicado que se envolviam neste tipo de comportamento enganoso para obter o consentimento para a relação sexual, este tipo de comportamento pode descrever eventos sexuais não consensuais e, portanto, podem representar exemplos de agressão sexual de *date-acquaintance* (Jozkowski & Peterson, 2013).

1.2.3. O consentimento sexual interno e externo.

O estudo levado a cabo por Jozkowski, Sanders, Peterson, Dennis e Reece (2014b) teve como objetivo compreender melhor o consentimento dado por estudantes universitários através da utilização de uma abordagem sistemática para desenvolver medidas válidas do consentimento sexual. Desta forma, foram desenvolvidas duas escalas, uma relativa aos sentimentos internalizados de um indivíduo que consente para um evento

sexual (*Internal Consent Scale* – ICS) e outra relativa ao comportamento externo ou indicadores verbais que transmitem o consentimento para esse evento (*External Consent Scale* – ECS).

Tal como previsto pelos autores deste estudo, os resultados indicaram existir diferenças entre o género dos participantes (feminino e masculino) e entre o estado de relacionamento (solteiro ou numa relação) para as duas medidas de consentimento. Assim, constatou-se que os homens obtiveram uma pontuação mais elevada para a ICS e fatores correspondentes, à exceção da Resposta Física, indicando que os homens experimentam sentimentos extremamente mais associados com estes fatores, o que pode estar relacionado com as normas de género e com a validação do *script* sexual tradicional. Isto, porque é esperado para os homens que queiram sexo e que estejam sempre prontos para o mesmo; portanto, podem sentir-se menos inibidos quanto aos seus sentimentos internalizados relativamente ao consentimento. Pelo contrário, as jovens mulheres podem experimentar mais sentimentos internalizados conflituosos, já que as mulheres muitas vezes recebem mensagens confusas acerca da sua sexualidade e expressão sexual. Por um lado, o papel esperado para elas é que sejam sensuais, atraiam a atenção dos homens e envolvam-se em encontros sexuais casuais (Armstrong, Hamilton, & Sweeney, 2006; Kim et al., 2007); por outro, se se envolverem em numerosos encontros sexuais casuais ou se se vestirem de forma demasiada ousada, elas serão rotuladas de forma negativa (Kim et al., 2007).

Relativamente às diferenças de género em termos de consentimento externo, as mulheres obtiveram maior pontuação do que os homens em relação aos Comportamentos Passivos e a Sem Sinais de Resposta, indicando que as mulheres são mais propensas que os homens a se envolverem em tais comportamentos (Jozkowski et al., 2014b), o que vai ao encontro das expectativas de género para mulheres (Kim et al., 2007). Já os homens obtiveram maior pontuação nos comportamentos definidos como Pressão “Mascarada”, isto é, a utilização de pistas persuasivas que, de certa forma, pressionam a pessoa para a relação sexual, sem que isso seja visto de forma negativa (e.g., “Eu levei o meu parceiro para um lugar privado”). Desta forma, ambos os resultados validam os *scripts* tradicionais dos papéis de género em que é esperado que as mulheres sejam o parceiro mais passivo da relação e os homens os iniciantes sexuais (Kim et al., 2007).

Por último, existem também diferenças no consentimento em relação ao estado de relacionamento. Os participantes que relataram estar num relacionamento obtiveram uma pontuação mais alta em todas as medidas de consentimento interno, com exceção da medida Resposta Física. Isto pode indicar que o estar numa relação permite que a pessoa se

sinta mais confiante com a sua vontade interna para se envolver em sexo, talvez porque esta se envolve no sexo com um parceiro que é consistente, regular e com quem se sente confortável. Em termos de consentimento externo, os participantes que relataram estarem solteiros obtiveram uma pontuação mais elevada no fator Pressão “Mascarada”. Isto pode sugerir que os indivíduos solteiros, em particular os homens solteiros, são mais prováveis do que aqueles que se encontram envolvidos em relações sexuais dentro de uma relação de aderir a pistas persuasivas para indicarem o seu consentimento (Jozkowsky et al., 2014b).

1.2.4. A ligação entre o consentimento e a agressão sexual.

O estudo levado a cabo por Warren, Swan e Allen (2015) examinou a ligação entre a compreensão do consentimento sexual e a concretização da agressão sexual. Neste estudo, e consistente com as previsões dos autores, verificou-se que a falta de compreensão acerca do consentimento sexual estava fortemente relacionada com a concretização de agressão sexual nos últimos 4 meses. Os autores também identificaram três outros fatores de risco sociais e cognitivos que tiveram um efeito indireto sobre a agressão sexual: o mito aprovador da violação sexual, a conformidade com as normas masculinas e o suporte dos pares para o abuso. Este resultado sugere que a compreensão do consentimento sexual pode estar dependente do sistema de crenças de um homem em relação ao domínio, poder, força e direito. Assim, se um homem aderir às normas masculinas que incentivam essas crenças, será menos provável que ele desenvolva uma compreensão saudável dos limites e respeito pelos direitos das mulheres, que por sua vez pode levar a um aumento da propensão para a concretização da agressão sexual (Warren et al., 2015).

1.3. A Cultura Popular Contemporânea

*“Just gonna stand there and watch me burn
But that's all right because I like the way it hurts” (EminemVEVO, 2016)*

1.3.1. O poder dos *mass media*.

Os meios de comunicação social (televisão, revistas, filmes, música e internet) fornecem, de forma cada vez mais frequente, representações da sexualidade, revelando-se uma forma progressivamente mais acessível para a aprendizagem e observação do

comportamento sexual. Desta forma, salienta-se a importância do seu papel principalmente para os jovens, já que se encontram a desenvolver as suas próprias crenças e padrões de comportamento sexual (Brown, 2002).

A autora Brown (2002) após uma análise ao número relativamente pequeno de estudos existentes no que diz respeito à seleção, interpretação e aplicação do conteúdo sexual presente nos *media*, concluiu que os meios de comunicação podem afetar a consciência, as crenças e possivelmente o comportamento sexual atual dos indivíduos. A exposição ao conteúdo sexual dos *media* e seus efeitos sugerem que os meios de comunicação têm um impacto em pelo menos três maneiras: (a) aludem ao comportamento sexual de forma a que os temas sexuais nunca fiquem esquecidos; b) reforçam um conjunto relativamente consistente de normas sexuais e de relacionamento; e, (c) raramente incluem modelos sexualmente responsáveis. Por outro lado, importante será dizer que estudos sugerem que os indivíduos têm um papel ativo no que se refere ao consumo de elementos presentes nos *media* da cultura popular (e.g., Garmon, Glover, & Vozzola, 2017).

Quanto ao poder de influência da música, um estudo demonstrou que ouvir músicas com conteúdo violento aumenta a agressão relacionada com a cognição e o afeto, na medida em que os estudantes universitários relataram mais sentimentos e pensamentos hostis quando ouviam músicas com letras agressivas, em comparação com os que ouviam uma música similar, mas que não apresentava conteúdo violento (Anderson, Carnagey, & Eubanks, 2003). No que respeita à leitura de revistas contemporâneas para mulheres, Kim e Ward (2004) concluíram que a exposição continuada a este tipo de revistas leva a que as mulheres adotem as suas mensagens mais dominantes.

1.3.2. A leitura de revistas e a negociação do consentimento sexual.

O estudo de Hust e colaboradores (2014) testou se a exposição de estudantes universitários a revistas se encontrava associada com intenções para a negociação do consentimento sexual – ações envolvidas no início da atividade sexual, como a recusa ou o consentimento da atividade sexual, e adesão às decisões de consentimento sexual. Os resultados do estudo, segundo Hust e colaboradores (2014), vão ao encontro dos resultados de pesquisas já existentes, no que diz respeito ao facto de o sexo masculino estar associado a baixas intenções de recusa da atividade sexual não desejada e baixas intenções na adesão a decisões relacionadas com o consentimento. A exposição às revistas femininas encontrava-se positivamente associada com as intenções de recusa de atividade sexual não desejada, fornecendo suporte adicional para as pesquisas existentes que sugerem que a

exposição a revistas femininas está associada com resultados positivos relacionados com os comportamentos de saúde sexual (Hust et al., 2014). Estes resultados são particularmente perigosos tendo em conta que, embora as revistas apresentem uma grande quantidade de conteúdo sexual, análises de conteúdo às mesmas indicaram que a sua cobertura das questões de saúde sexual é pouco frequente e imprecisa (Hust, Brown, & L'Engle, 2008). Em vez disso, o sexo é descrito como divertido, casual e sem riscos (Kim & Ward, 2004).

1.3.3. A ficção popular: normalização da violência contra a mulher.

De acordo com a perspectiva de Bonomi e colaboradores (2013), existem condições sociais subjacentes que criam um contexto propiciador à ocorrência de violência, incluindo a normalização e a romantização da violência na cultura popular, como por exemplo em livros, músicas e filmes.

Uma análise de conteúdo qualitativa foi conduzida por Bretthauer, Zimmerman e Banning (2006) com o intuito de perceberem quais os temas predominantes nas letras de música popular, tendo os autores encontrado temas como o homem e o poder, o sexo como prioritário para o sexo masculino, a valorização das características físicas das mulheres pelos homens, a violência sexual contra a mulher, a incapacidade das mulheres de viverem sem um homem ao seu lado e a não-valorização das mulheres acerca de si próprias, que tentam atrair os homens com a sua sensualidade e mantêm-se na relação, apesar de serem magoadas ou de terem problemas.

Outro exemplo abordado na literatura diz respeito ao vídeo musical de Eminem e Rihanna, *Love the Way You Lie*, que romantiza ameaças físicas, sexuais e emocionais, incluindo uma intenção para matar (i.e., ameaça colocar a casa a arder), dentro de uma relação romântica entre um casal (Bonomi et al., 2013).

Uma das sagas literárias mais populares de todos os tempos, o *Twilight*, “Crepúsculo”, segundo Borgia (2014), normaliza o abuso dentro do contexto de relacionamentos românticos, incluindo a perseguição, a agressão física e sexual, a manipulação emocional, as ameaças e a intimidação. Por exemplo, dentro da saga “Crepúsculo”, Edward, “*breathtakingly handsome vampire*” (Borgia, 2014, p.156) é descrito como “*an obsessed stalker with no interests or friends other than his «family» (six other vampires) and Bella*” (Borgia, 2014, pp. 156-157), sendo que a Bella é a protagonista feminina e o seu foco romântico. Além disso, Edward, frequentemente, dá ordens a Bella, zanga-se com ela, fala de forma ríspida, grita e usa olhares agressivos e

gestos físicos, como agarrá-la de forma agressiva, sendo que algumas das estratégias de controlo físico causam-lhe hematomas (Bonomi et al., 2013).

1.3.4. As “cinquenta sombras de grey” e a violência por parte do parceiro íntimo.

Mais recentemente, a trilogia *Fifty Shades of Grey*, “Cinquenta Sombras de Grey”, – uma das obras de ficção mais rapidamente a ser vendida em todo o mundo – tem sido anunciada como um meio de expressão sexual libertadora, erótica e perversa (Bonomi et al., 2013). A trilogia compreende *Fifty Shades of Grey*, “Cinquenta Sombras de Grey”, *Fifty Shades Darker*, “Cinquenta Tons mais Escuros”, e *Fifty Shades Freed*, “Cinquenta Tons de Liberdade”, tendo sido mais tarde escrito um novo livro denominado de “Grey”, em que o romance é descrito na perspetiva masculina, Christian Grey, a pedido de várias admiradoras à autora do romance. Este romance erótico descreve um relacionamento de BDSM (bondage/disciplina-domínio/submissão-sadismo/masochismo), envolvendo um megamilionário de 28 anos, Christian Grey, e uma estudante universitária/recente graduada de 22 anos, Anastasia Steele. Depois de se conhecerem durante uma entrevista para o jornal da faculdade de Anastasia, o relacionamento do casal desenvolve-se rapidamente; dentro de 2 semanas, o casal tem o seu primeiro encontro sexual (Bonomi et al., 2013).

Bonomi e colaboradores (2013) levantaram uma preocupação válida nas suas investigações acerca das relações entre estas narrativas que se manifestam na cultura popular e o seu carácter reforçador de violência por parte do parceiro íntimo (*Intimate Partner Violence* – IPV). Desta forma, os autores focam-se no *best-seller Fifty Shades of Grey* que, segundo eles, retrata a violência problemática contra as mulheres camuflada dentro de um relacionamento romântico e erótico de BDSM.

Tendo em conta a análise efetuada pelos autores, Bonomi e colaboradores (2013), estes verificaram a presença de abuso emocional em quase todas as interações do casal, incluindo: a perseguição (o Christian persegue a Anastasia deliberadamente e aparece em locais incomuns, utiliza o telemóvel e o computador para a localizar e oferece-lhe presentes caros); a intimidação (o Christian utiliza comportamentos de intimidação verbal e não-verbal, tais como, frequentemente ordenar a Anastasia que coma e ameaçar puni-la caso não o faça); e o isolamento (o Christian limita o contacto social de Anastasia). A violência sexual encontra-se generalizada, incluindo o uso de álcool para comprometer o consentimento sexual de Anastasia, assim como a intimidação (o Christian inicia encontros sexuais quando se encontra genuinamente irritado, rejeita os pedidos de Anastasia para

colocação de limites nas práticas sexuais e ameaça-a). Além disto, Bonomi e colaboradores (2013) observaram que a Anastasia experiencia reações típicas de mulheres vítimas de abuso, incluindo a constante percepção de ameaça – “*my stomach churns from his threats*” (Bonomi et al., 2013, p.733); identidade alterada – Anastasia descreve-se como “*pale, haunted ghost*”, (Bonomi et al., 2013, p.733); gestão stressante – Anastasia utiliza comportamentos para manter a paz no relacionamento, tais como recusar dizer onde está para evitar a raiva de Christian. A Anastasia torna-se impotente e aprisionada no relacionamento, pelo que os seus comportamentos se tornam mecanizados em resposta ao abuso de Christian (Bonomi et al., 2013).

Neste contexto, o estudo conduzido por Kocur (2016) mostrou que uma avaliação positiva da leitura do livro *Fifty Shades of Grey* se encontrava negativamente correlacionada com o relato de satisfação emocional e feminidade. Os participantes que referiram ler mais literatura semelhante a esta reportaram níveis mais baixos de satisfação no que diz respeito à sua vida emocional do que aqueles que não reportaram ler literatura similar. Outro estudo, conduzido por Altenburger, Carotta, Bonomi, & Snyder (2017), mostrou que as estudantes universitárias que leram pelo menos um livro completo da obra *Fifty Shades of Grey* reportaram atitudes sexistas de benevolência, hostilidade e ambivalência, em comparação com as que não leram nenhum livro.

1.3.5. As “cinquenta sombras de grey” e os riscos para a saúde.

O estudo levado a cabo por Bonomi e colaboradores (2014) caracterizou a associação entre os riscos para a saúde das mulheres universitárias que leram ou não leram a obra *Fifty Shades of Grey*. Relativamente aos resultados, as mulheres que leram pelo menos o primeiro volume, mas não todos os três, em comparação com as não-leitoras, foram mais propensas a terem tido, durante a sua vida, um parceiro que lhes falava alto, gritava ou praguejava e que lhes enviava chamadas/mensagens de texto indesejadas; também foram mais propensas a relatar episódios de jejum e utilização de *diet aids* em algum momento durante a sua vida. Em comparação com as não-leitoras, as mulheres que leram todos os três romances eram mais propensas a relatar consumo excessivo de álcool no último mês, uso de *diet aids* e relações sexuais com cinco ou mais parceiros durante a sua vida (Bonomi et al., 2014).

1.3.6. Consumo de materiais sexualmente explícitos: papel libertador ou prejudicial na sexualidade das mulheres?.

Tal como as sagas *Fifty Shades of Grey* e *Twilight*, a pornografia, segundo Bonomi e colaboradores (2014), é um outro veículo padronizado para a violência contra as mulheres. Aliás, o estudo de Hald e Malamuth (2015) mostrou que baixos níveis de amabilidade e elevados níveis de consumo de pornografia no passado prediziam significativamente a violência contra as mulheres. Não obstante, uma primeira análise das numerosas respostas presentes nos *media* relativamente à trilogia *Fifty Shades of Grey* tornou claro que as mulheres se encontram divididas em considerar ou não que a narrativa e/ou o conteúdo sadomasoquista do romance seja prejudicial (Reenen, 2014).

Por outro lado, os defensores do movimento do sexo-positivo têm defendido que no processo de escolha para consumir tal material, as mulheres estão a recuperar a sua sexualidade e a rejeitar vergonha/repressão sexual (Reenen, 2014). No mesmo sentido, o trabalho desenvolvido por Parry e Light (2014) permitiu concluir que o consumo de forma aberta e a discussão de materiais sexualmente explícitos permitem que as mulheres possam desenvolver um vocabulário sexual, aprender diversas práticas sexuais e reduzir a vergonha em torno do seu desejo sexual. Além disso, Tripodi (2017), na análise preliminar do seu estudo, encontrou que as mulheres admiradoras da obra “Cinquenta Sombras de Grey” não pretendiam ser dominadas pelos seus parceiros sexuais, mas, pelo contrário, utilizaram a saga para explorar a sua própria identidade sexual. Acrescenta, ainda que, uma vez que o livro é tão sexual, abriu a oportunidade para os leitores falarem sobre sexo com os seus amigos e a tornarem-se agentes sexuais mais ativos dentro dos seus relacionamentos, neste caso, heterossexuais (Tripodi, 2017). Por outro lado, ao criarem um tempo e espaço para se dedicarem ao consumo e discussão de material sexualmente explícito, as mulheres podem explorar os seus *sexual selves*, aceitarem-se a si mesmas como agentes sexuais e, portanto, ir além das expectativas sexuais criadas para as mulheres na sociedade de hoje (Parry & Light, 2014). Apesar de todos estes aspetos positivos, o estudo de Tripodi (2017) demonstra que a narrativa presente na obra *Fifty Shades of Grey* não serve de guia para ensinar as mulheres a expressarem os seus limites sexuais.

De facto, não existe consenso na literatura quanto a considerar se os efeitos do consumo de material sexualmente explícito (bastante presente na cultura popular atual), como é o caso da obra *Fifty Shades of Grey*, são libertadores ou prejudiciais à sexualidade das mulheres.

1.6. Objetivos do Estudo

Tendo em conta que nos últimos anos se tem assistido a um aumento dos índices de violência sexual contra as mulheres em contexto universitário (Flack et al., 2008; Krebs et al., 2009; Koss et al., 1987; Makepeace, 1981), tornou-se importante compreender de que forma estas expressam o seu consentimento sexual, já que uma agressão sexual pode ocorrer quando um indivíduo não obtém o consentimento ou ignora qualquer recusa por parte do outro em envolver-se na atividade sexual (Hust et al., 2014). Por outro lado, conhecido o poder dos *media* para moldar atitudes e comportamentos sexuais (Brown, 2001) e o facto de a cultura popular atual aludir a representações de género estereotipadas que poderão ter um carácter reforçador da violência contra o parceiro íntimo (e.g., Bonomi et al., 2013), como é o caso da obra “Cinquenta Sombras de Grey”.

Apesar de o objetivo inicial ter sido compreender a influência da exposição à leitura do(s) livro(s) no consentimento sexual, dada a existência de um filme sobre a obra, decidiu-se que a exposição ao filme deveria ser considerada. Neste sentido, o objetivo principal consiste em compreender se a exposição apenas à leitura da obra influencia a forma como as mulheres universitárias indicam o seu consentimento sexual, sendo que relativamente à exposição visual, esta seria considerada, independentemente de as mulheres terem lido ou não os livros. Além disto, outro objetivo consiste em perceber se existe alguma relação entre as diferentes variáveis sociodemográficas e a forma como o consentimento sexual é expresso; e, perceber se existe alguma relação entre o grau de satisfação acerca da leitura do(s) livro(s) e a forma como o consentimento sexual é transmitido.

É esperado que os resultados deste estudo tenham implicações do ponto de vista científico, contribuindo para a expansão do conhecimento acerca do conceito de consentimento sexual e de que forma se encontra subjacente à vitimação/agressão sexual em populações não clínicas/não criminais. Do ponto de vista social, espera-se que este estudo permita uma consciencialização face ao impacto que a cultura popular pode ter na forma como as mulheres vivenciam a sua sexualidade. Por outro lado, é pretendido que surjam implicações para a prevenção da violência sexual em contexto académico.

II – Método

2.1. Participantes

Este estudo dirigiu-se apenas a estudantes universitárias do ensino superior português, público e privado, e com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos. Uma vez que se pretendeu avaliar o consentimento sexual dado pelas jovens universitárias em relações sexuais com penetração vaginal, outro critério de inclusão considerado foi o envolvimento destas mulheres neste tipo de atividade sexual. Responderam ao questionário *online* 536 estudantes universitárias, pelo que uma análise aos dados sociodemográficos indicou que a idade média das participantes ronda os 21 anos ($M= 21.16$; $DP= 2.10$) e que a maioria das participantes frequenta uma licenciatura (62.3%; mestrado: 33.4%, outro: 2.6% e doutoramento: 1.7%), é heterossexual (91.8%; bissexual: 6.3%, homossexual: 1.1% e outro: 0.7%), encontra-se numa relação ou é casada (62.7%; solteira e não sai em encontros: 19.2%, solteira, mas sai em encontros: 14.6% e outro estado de relacionamento: 3.5%) e encontra-se envolvida num relacionamento exclusivo/monogâmico (69.0%; não envolvida atualmente em atividade sexual: 20.3%, encontros sexuais casuais: 7.8% e não-exclusivo/não-monogâmico: 2.8%).

2.2. Medidas

2.2.1. Ficha sociodemográfica.

Inicialmente, foi solicitado às participantes que indicassem alguns dos seus dados sociodemográficos, tais como a idade, instituição de ensino, nível de ensino que se encontram a frequentar, nacionalidade, orientação sexual, estado de relacionamento amoroso (solteira e não sai em encontros, solteira, mas sai em encontros, numa relação ou casada, e outro) e tipo de relacionamento amoroso (exclusivo/ monogâmico, não-exclusivo/ não-monogâmico, encontros sexuais casuais e não envolvida atualmente em atividade sexual), (cf. Anexo A).

2.2.2. Questionário sobre a obra “Cinquenta Sombras de Grey”.

Antes de mais, começou-se por avaliar a exposição das participantes à obra, mais especificamente se viram ou não o filme e se leram ou não algum livro da referida obra.

Depois, foram questionadas relativamente ao grau de satisfação, sendo que foi pedido às participantes para se situarem numa escala de 1 a 5 (“Nada satisfeita” a “Muito satisfeita”). Com o intuito de se recolher informação acerca do motivo que levou as participantes à visualização do filme/ leitura do(s) livro(s), questionou-se as participantes os motivos pelos quais as levaram à exposição da obra e em que medida consideram que a visualização/leitura da obra teve influência nos seus comportamentos sexuais, tendo-se formulado duas questões de resposta aberta (cf. Anexo A).

2.2.3. Escalas de consentimento sexual – versão traduzida.

Com o objetivo de se aceder à forma como as estudantes universitárias portuguesas deram o seu consentimento sexual na última vez em que se envolveram em relações sexuais com penetração pénis-vagina, tanto a nível interno, como externo, isto é, os sentimentos envolvidos durante a última relação sexual com penetração vaginal e os comportamentos utilizados como forma de indicarem o seu consentimento, respetivamente, foram utilizadas as escalas propostas por Jozkowski e colaboradores (2014) que avaliam o constructo consentimento interno (*Internal Consent to Sex Scale* – ICS) e o constructo consentimento externo (*External Consent to Sex Scale* – ECS). Deste modo, em primeiro lugar, foi pedida autorização à autora principal do estudo para utilização das escalas criadas por si e, depois, procedeu-se a uma tradução para a Língua Portuguesa de ambas as escalas (cf. Anexo A), tendo sido, ainda, revistas por um terceiro elemento alheio ao estudo e com domínio da língua inglesa, no entanto não foi possível obter um quarto elemento que tivesse como língua nativa o inglês para se proceder ao *backtranslation*.

Tanto a ICS, como a ECS, abrangem cinco fatores cada, pelo que a ICS inclui os fatores Resposta Física, Segurança/Conforto, Excitação, Consentir/Querer e Prontidão, e a ECS engloba os fatores Comportamentos Não-verbais Diretos, Comportamentos Passivos, Comportamento Comunicativo/Iniciador, Pressão “Mascarada” e Sem Sinais de Resposta.

No total, a ICS engloba 25 itens, tendo sido utilizada uma escala tipo Likert de quatro níveis de resposta para indicar em que medida as participantes concordam que experienciaram determinado sentimento durante a sua última relação sexual com penetração vaginal, pelo que a ECS inclui 18 itens e usou um tipo de resposta dicotómica de “Sim” e “Não”. Neste sentido, uma pontuação elevada na ICS demonstra que as participantes utilizam mais estratégias relacionadas com o consentimento interno para expressarem o seu consentimento, pelo que uma pontuação mais elevada na ECS indica que as participantes expressam o seu consentimento sexual, utilizando mais indicadores de

consentimento externo. De acordo com Jozkowski e colaboradores (2014), os resultados obtidos no seu estudo sugeriram que ambas as escalas representam uma avaliação fiável e válida, tanto dos sentimentos internalizados de um indivíduo que consente para um evento sexual (ICS), bem como do seu comportamento externo ou indicadores verbais que transmitem o consentimento para esse evento (ECS), já que ambas as escalas e seus fatores demonstraram alta confiabilidade da consistência interna. No caso de ICS, a consistência interna desta escala global foi de $\alpha = .95$, sendo que nos cinco fatores correspondentes obtiveram-se os seguintes valores para Resposta Física: $\alpha = .91$; Segurança/Conforto: $\alpha = .94$; Excitação: $\alpha = .93$; Consentir/Querer: $\alpha = .93$; e, Prontidão: $\alpha = .90$. Relativamente a ECS, a consistência interna desta escala global foi de $\alpha = .84$, sendo que nos cinco fatores correspondentes, os valores de consistência interna foram para Comportamentos Não-verbais Diretos: $\alpha = .78$; Comportamentos Passivos: $\alpha = .81$; Comportamento Comunicativo/Iniciador: $\alpha = .79$; Pressão “Mascarada”: $\alpha = .75$; e, Sem Sinais de Resposta: $\alpha = .67$.

2.3. Procedimento de Recolha de Dados

Antes de mais, procedeu-se ao preenchimento do Formulário de Pedido de Parecer à Comissão de Ética para elaboração deste estudo e, de seguida, ao envio do mesmo. Mais tarde, foi construído o questionário apresentado anteriormente, que englobou uma ficha sociodemográfica, outra parte relativa às questões relacionadas com a obra e a última parte referente às escalas que avaliam o consentimento sexual (cf. Anexo A). Posteriormente, procedeu-se a uma reflexão falada com duas participantes femininas universitárias que revelaram ter compreendido bem as instruções e itens do questionário e recorreu-se a um terceiro elemento alheio ao estudo e com domínio da língua inglesa para rever a tradução. De seguida, este questionário foi colocado numa plataforma *online* (*Google docs*), desde inícios de Outubro de 2016 a finais de Novembro de 2016, tendo envolvido uma segunda fase de divulgação do estudo no início do mês de Novembro pelo número escasso de mulheres que apenas leram o(s) livro(s) da obra ($n = 28$).

O estudo foi divulgado pela rede de contactos das várias instituições de ensino superior portuguesas, tanto públicas como privadas, onde foi pedida a sua colaboração, e pela rede social *Facebook*. Desta forma, pode dizer-se que a amostra e dados respetivos foram obtidos através de um processo de amostragem não-probabilístico por conveniência.

Assim que as participantes acederam ao estudo *online*, foi-lhes apresentada uma primeira página inicial onde constou as seguintes informações: quem conduzia o estudo; os seus objetivos; a quem se dirigia; o tempo médio de preenchimento (cerca de 15 minutos); o seu carácter voluntário e intimista; e, fornecimento de contactos para pedidos de esclarecimento ou acesso a um resumo dos resultados gerais. Posteriormente, na página seguinte, foi pedido às participantes que declarassem o seu consentimento informado, isto é, confirmassem o acesso às informações declaradas anteriormente e aceitassem participar no estudo (cf. Anexo A). O anonimato e a confidencialidade das participantes foram assegurados, pois não foi solicitado qualquer elemento passível de identificar as participantes, sendo que as suas respostas foram enviadas automaticamente para um documento em Excel, tendo sido, posteriormente, remetidas para uma base de dados.

2.4. Procedimento de Análise de Dados

Os dados quantitativos foram introduzidos na base de dados e analisados através do *IBM SPSS Statistics*, versão 22.0 para Windows. Os procedimentos estatísticos incluíram análises de estatística descritiva, como forma de se obter e descrever os dados sociodemográficos da amostra; análise fatorial exploratória, para avaliação das características da escala, juntamente com uma análise de consistência interna, e análises de correlação entre as duas escalas de consentimento; análises multivariadas de variância (MANOVAs), para se avaliar os efeitos da exposição narrativa e visual à obra, o tipo de relacionamento e o estado de relacionamento nas escalas de consentimento sexual (ECI e ECE); análises de correlação entre a satisfação ao visionamento do filme e à leitura do(s) livros(s) com ambas as escalas de consentimento. A homogeneidade da variância e covariância foi testada através do *M* de Box e Teste de *Levene*. Além disso, utilizou-se como indicador de diferenças estatisticamente significativas um nível de significância inferior a .05. Realizou-se ainda uma análise de conteúdo tendo em conta a abordagem indutiva, pelo que, inicialmente se procedeu a uma leitura inicial das respostas das participantes às questões B3, C3, B4 e C4, e construíram-se categorias consoante os temas que surgiram a partir do conteúdo das respostas (Elo & Kyngäs, 2008). As categorias criadas incluíram conceitos-chave diferentes para cada uma das quatro questões. Posteriormente, contabilizou-se a frequência de cada um dos conceitos-chave que emergiram a partir da análise de conteúdo das respostas.

III. Resultados

3.1. Abordagem Quantitativa

3.1.1. Estudo preliminar: análise fatorial exploratória para a ECI e ECE.

Recorreu-se a uma AFE, utilizando uma rotação varimax, tal como foi utilizado no estudo original, para se analisar cada escala (ECI e ECE) em separado, resultando em três fatores para a ECI e cinco fatores para a ECE. As correlações entre as duas escalas totais e seus fatores foram obtidas para se examinar a relação entre o consentimento interno e externo. Antes de mais, procurou-se verificar a adequação da amostra à realização da AFE, pelo que se confirmou a utilização de um tamanho de amostra adequado¹ e valores de KMO adequados (próximos de .80/.90)². Além disto, realizou-se uma análise à matriz de correlações que indicou um valor de significância inferior a .05 no teste de esfericidade de Bartlett², o que significa que esta matriz de correlações não é uma “matriz de identidade”, ou seja, as variáveis não se relacionam apenas consigo próprias (Martinez & Ferreira, 2007).

3.1.1.1. Desenvolvimento das escalas.

3.1.1.1.1. Análise de eigenvalues e scree plot³.

Os valores de *eigenvalues* e o *scree plot* foram utilizados para determinar o número de fatores a serem extraídos; fatores com um *eigenvalue* superior a 1 foram considerados significativos (Martinez & Ferreira, 2007), tendo sido extraídos. Deste procedimento resultou, inicialmente, em seis fatores para a ECE e três fatores para a ECI superiores a 1⁴.

¹ Confirma-se a existência de pelo menos 10 participantes por cada variável, visto que o número total de participantes é de 536, sendo o total de itens 51, que é o recomendado por Gorsuch (2003, citado em Martinez & Ferreira, 2007).

² Os valores de KMO e os testes de esfericidade de Bartlett indicaram para cada uma das escalas ECI e ECE que o método de análise fatorial é adequado para o tratamento dos dados, isto é, que os dados se ajustam bem à análise fatorial, já que as variáveis se encontram correlacionadas significativamente [ECI: KMO= .96; $\chi^2(300)= 13405.12$, $p < .001$; ECE: KMO= .75; $\chi^2(136)= 1508.74$, $p < .001$].

³ Quanto aos valores de Comunalidade da ECI, a percentagem da variância de cada variável que é explicada pelos fatores comuns é maior que 50% em todos os casos à exceção do I13. Em relação aos valores de Comunalidade da ECE, a percentagem da variância de cada variável que é explicada pelos fatores comuns não é maior que 50% nas variáveis E4, E9 e E18.

⁴ No que concerne à ECI, a análise das componentes principais indicou que a análise fatorial extraiu uma solução fatorial de 3 componentes que explicam 70,75% da variabilidade total (Componente 1: 31,82%; Componente 2: 29,01%; Componente 3: 9,92%). Em relação à ECE, a análise das componentes principais

3.1.1.1.2. *Análise das saturações fatoriais e matriz de correlações.*

Para além da utilização de *eigenvalues* e *scree plot*, utilizaram-se os valores das saturações fatoriais com o objetivo de considerar a eliminação de itens que influenciam o número de fatores. Para que um item fosse retido, foi estabelecido como valor de referência correlações superiores a .32, já que segundo Tabachnick & Fidell (1996, citado em Martinez & Ferreira, 2007), valores desta ordem são interpretáveis.

Deste modo, no que diz respeito à ECI todos os itens foram retidos, visto que se verificaram valores da ordem dos .58 a .88, o que é indicativo de correlações boas a excelentes (Comrey & Lee, 1992, citado em Martinez & Ferreira, 2007), sendo que foi o item 20 (“O sexo pareceu-me consensual”) que obteve uma saturação fatorial mais forte (cf. Anexo B). Quanto à ECE, todos os itens cumpriram a regra utilizada para se reter apenas os itens com correlações superiores a .32, no entanto verificaram-se correlações baixas a excelentes, encontrando-se os valores entre .34 e .85, sendo que o item 14 (“Eu fechei a porta”) foi o que obteve uma saturação fatorial mais forte (cf. Anexo C). Por outro lado, e tendo em conta que apenas um item, 15, “saturou” na componente 6, optou-se por excluir esta variável da análise, já que quando se repetiu a análise para 5 fatores verificaram-se valores baixos de comunalidade⁵.

Assim, das 3 componentes obtidas para a ECI, a componente 1 incluiu 12 itens, a componente 2 incluiu 9 itens e a componente 3 incluiu 4 itens. Das 5 componentes retidas na ECE, a componente 1 incluiu 3 itens, a componente 2, 4 itens, a componente 3, 5 itens, a componente 4, 3 itens, e a componente 5, 2 itens (cf. Anexo D).

3.1.1.1.3. *Análise da consistência interna das escalas de consentimento.*

No que respeita aos testes de fidelidade, estes revelaram uma consistência interna da escala global de $\alpha = .96$ para a ECI, sendo que nas três componentes correspondentes obtiveram-se os seguintes valores para Sensualidade e Segurança: $\alpha = .95$; Consentimento Percebido: $\alpha = .96$; Sensações Físicas/Ativação Geral: $\alpha = .75$. Relativamente a ECE, a consistência interna desta escala global foi de $\alpha = .66$, sendo que nas cinco componentes

indicou que a análise fatorial extraiu uma solução fatorial de 6 componentes que explicam 57,40% da variabilidade total (Componente 1: 11,53%; Componente 2: 10,60%; Componente 3: 10,23%; Componente 4: 10,13%; Componente 5: 8,93%; Componente 6: 5,99%).

⁵ De facto, o item 15 (“Eu simplesmente continuei a avançar nos comportamentos sexuais, a não ser que o meu parceiro me parasse”) parece estar mais relacionado com o *script* sexual tradicional, em que é o homem a iniciar a atividade sexual, pelo que a mulher funciona como *gatekeeper* (Jozkowski, 2011), o que parece justificar o facto de a inclusão deste item não se justificar numa amostra apenas de mulheres.

correspondentes, os valores de consistência interna foram para Toque/Abordagem Física: $\alpha = .66$; Comunicação: $\alpha = .57$; Envolvimento: $\alpha = .61$; Momento Espontâneo: $\alpha = .63$; Ação e Controle: $\alpha = .53$.

3.1.1.1.4. Análise da relação entre o consentimento interno e o consentimento externo.

Através da análise de uma matriz de correlação foi possível verificar que a ECI e a ECE encontram-se significativamente correlacionadas, apesar de se tratar de uma correlação fraca ($r = .28$, $p < .01$). Além disto, todos os fatores da ECI e ECE correlacionaram-se a um nível de $p < .01$, apesar das correlações terem sido fracas, à exceção do fator Momento Espontâneo que não se correlacionou significativamente com nenhum dos fatores da ECI e do fator Ação e Controle que apenas não se correlacionou de forma significativa com o fator Sensações Físicas/Ativação Geral, reforçando a relação existente entre estas duas medidas (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Matriz de Correlação entre a ECI e seus fatores internos, e entre a ECE e seus fatores externos (n = 536)

Fatores	Consentimento Interno			
	Escala Total	Sensualidade e Segurança	Consentimento Percebido	Sensações Físicas/Ativação Geral
Consentimento Externo				
Escala Total	.28*	.28*	.24*	.20*
Toque/Abordagem Física	.34*	.32*	.37*	.18*
Comunicação	.17*	.19*	.11*	.13*
Envolvimento	.28*	.28*	.26*	.16*
Momento Espontâneo	-0.3	-.08	-.07	.10
Ação e Controle	.13*	.16*	.12*	.50

Nota. Os valores apresentados correspondem ao r de Pearson; * $p < .01$.

3.1.2. Estudo principal.

3.1.2.1. Efeitos da exposição à leitura da obra.

3.1.2.1.1. Efeitos da exposição à leitura da obra no consentimento interno.

Foi conduzida uma Análise Multivariada da Variância (MANOVA) com o intuito de se avaliar o efeito da condição grupo (1 – Sem exposição narrativa e visual; 2 – Apenas exposição à leitura da obra) nas seguintes dimensões: Sensualidade e Segurança, Consentimento Percebido e Sensações Físicas/Ativação Geral. Os testes de Homogeneidade suportaram parcialmente o pressuposto da homogeneidade das matrizes de covariância-variância⁶. Por esta razão, foi utilizado o traço de Pillai ao longo da análise (Meyers, Gamts, & Guarino, 2006). A análise multivariada revelou um efeito principal estatisticamente significativo entre a exposição à leitura da obra e as dimensões do consentimento interno [Traço de Pillai= .157, $F(3, 54) = 3.356$, $p < .025$, η^2 parcial= .16]. Após utilizados os procedimentos de comparação *post-hoc* de Bonferroni, as análises univariadas mostraram que as mulheres expostas à leitura da obra transmitem, de forma significativa, mais pistas relacionadas com a dimensão de Sensualidade e Segurança ($M = 3.58$, $DP = .46$, $p < .05$) em comparação com as mulheres que não tiveram qualquer tipo de exposição à obra, ou seja, não leram nenhum livro nem viram o filme ($M = 3.26$, $DP = .51$, $p < .05$). Os testes univariados mostraram ainda que as mulheres expostas à leitura da obra ($M = 3.86$, $DP = .30$, $p < .01$) transmitem, de forma significativa, mais pistas relacionadas com a dimensão Consentimento Percebido em comparação com as mulheres que não passaram por exposição à obra ($M = 3.58$, $DP = .43$, $p < .01$), (cf. Tabela 2).

3.1.2.1.2. Efeitos da exposição à leitura da obra no consentimento externo.

Foi conduzida uma MANOVA com o intuito de se avaliar o efeito da condição grupo (1 – Sem exposição narrativa e visual; 2 – Apenas exposição à leitura da obra)⁷ nas seguintes dimensões: Toque/Abordagem Física, Comunicação, Envolvimento, Momento Espontâneo e, Ação e Controle. Os testes de Homogeneidade suportaram parcialmente o

⁶ M de Box: $p = .553$; Teste de Levene: Sensualidade e Segurança: $p = .516$; Consentimento percebido: $p = .006$; Sensações Físicas/Ativação Geral: $p = .157$.

⁷ O objetivo inicial consistia em analisar os efeitos da exposição à leitura do livro, segundo quatro categorias: 1- Não leram nenhum dos livros; 2- Começaram a ler, mas não terminaram; 3 – Leram 1 livro completo; 4 – Leram 2 ou mais livros completos. Contudo, dado o número reduzido de participantes que apenas leu o(s) livro(s), 28, comparado com as participantes que não leram, nem viram a obra, 128, optou-se por construir estes dois grupos, sendo que os participantes do grupo 1 foram aleatoriamente escolhidos.

pressuposto da homogeneidade das matrizes de covariância-variância⁸ Por esta razão, foi utilizado o traço de Pillai ao longo da análise (Meyers, Gamts, & Guarino, 2006). Não foi encontrado um efeito significativo [Traço de Pillai= .039, $F(15, 1590) = 1.388$, $p=.145$, η^2 parcial= .01], (cf. Tabela 2).

Tabela 2

Diferenças encontradas entre o Grau de exposição à leitura da obra para cada uma das dimensões do Consentimento Interno e do Consentimento Externo (n= 536)

		Grau de exposição à leitura do(s) livro(s)						
		Sem exposição narrativa e visual (n= 30)		Apenas exposição à leitura da obra (n=28)				
		M	DP	M	DP	$F(1,56)$	p	η^2
Consentimento Interno	Sensualidade e Segurança	3.26	.51	3.58	.46	6.04	.017*	.10
	Consentimento Percebido	3.58	.43	3.86	.30	8.96	.004**	.14
	Sensações Físicas/Ativação Geral	2.76	.53	2.99	.61	2.39	.128	.04
Consentimento Externo	Toque/Abordagem Física	.93	.18	.95	.18	.59	.442	.00
	Comunicação	.50	.36	.51	.37	.24	.628	.00
	Envolvimento	.88	.20	.90	.18	1.50	.221	.00
	Momento Espontâneo	.40	.36	.34	.34	2.94	.087	.00
	Ação e Controlo	.68	.34	.68	.31	.00	.950	.00

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$

3.1.2.2. Efeitos de exposição ao visionamento do filme.

3.1.2.2.1. Efeitos da exposição ao visionamento do filme no consentimento interno.

Utilizou-se uma MANOVA com o intuito de se avaliar o efeito da condição grupo (mulheres que viram o filme x mulheres que não viram o filme) nas seguintes dimensões: Sensualidade e Segurança, Consentimento Percebido e Sensações Físicas/Ativação Geral.

⁸ M de Box: $p=.274$; Teste de Levene: Toque/Abordagem Física: $p=.607$; Comunicação: $p=.983$; Envolvimento: $p=.667$; Momento Espontâneo: $p=.004$; Ação e Controlo: $p=.817$.

Os testes de Homogeneidade suportaram o pressuposto da homogeneidade das matrizes de covariância-variância⁹. Não foi encontrado um efeito significativo [Wilk's $\Lambda = .994$, $F(3, 532) = 1.038$, $p=.375$, η^2 parcial= .01], (cf. Tabela 3).

3.1.2.2.2. Efeitos da exposição ao visionamento do filme no consentimento externo.

Foi conduzida uma MANOVA com o intuito de se avaliar o efeito da condição grupo (mulheres que viram o filme x mulheres que não viram o filme) nas seguintes dimensões: Toque/Abordagem Física, Comunicação, Envolvimento, Momento Espontâneo e, Ação e Controle. Os testes de Homogeneidade suportaram o pressuposto da homogeneidade das matrizes de covariância-variância¹⁰. Não foi encontrado um efeito significativo [Wilk's $\Lambda = .991$, $F(5, 530) = .993$, $p=.421$, η^2 parcial= .01], (cf. Tabela 3).

Tabela 3

Diferenças encontradas entre o Grau de exposição ao visionamento do filme para cada uma das dimensões do Consentimento Interno e do Consentimento Externo (n= 536)

		Grau de exposição ao visionamento do filme						
		Sim		Não		$F(1,534)$	p	η^2
		(n= 380)		(n=156)				
		M	DP	M	DP			
Consentimento Interno	Sensualidade e Segurança	3.36	.56	3.41	.55	1.08	.299	.00
	Consentimento Percebido	3.62	.55	3.66	.53	.79	.375	.00
	Sensações Físicas/Ativação Geral	2.94	.59	2.89	.62	.58	.448	.00
Consentimento Externo	Toque/Abordagem Física	.93	.18	.95	.18	.59	.442	.00
	Comunicação	.50	.36	.51	.37	.24	.628	.00
	Envolvimento	.88	.20	.90	.18	1.50	.221	.00
	Momento Espontâneo	.40	.36	.34	.34	2.94	.087	.00
	Ação e Controlo	.68	.34	.68	.31	.00	.950	.00

⁹ M de Box: $p=.333$; Teste de Levene: Sensualidade e Segurança: $p=.250$; Consentimento Percebido: $p=.100$; Sensações Físicas/Ativação Geral: $p=.514$.

¹⁰ M de Box: $p=.847$; Teste de Levene: Toque/Abordagem Física: $p=.187$; Comunicação: $p=.460$; Envolvimento: $p=.360$; Momento Espontâneo: $p=.052$; Ação e Controle: $p=.099$.

3.1.2.3. Efeitos do tipo de relacionamento.

3.1.2.3.1 Efeitos do tipo de relacionamento no consentimento interno.

Utilizou-se a MANOVA para se avaliar o efeito da condição grupo (Exclusivo/monogâmico x Não exclusivo/não-monogâmico x Encontros sexuais casuais x Não envolvida atualmente em atividade sexual) nas seguintes dimensões: Sensualidade e Segurança, Consentimento Percebido e Sensações Físicas/Ativação Geral. Os testes de Homogeneidade não suportaram o pressuposto da homogeneidade das matrizes de covariância-variância¹¹. Por esta razão, foi utilizado o traço de Pillai ao longo da análise (Meyers, Gamts, & Guarino, 2006). A análise multivariada revelou um efeito principal estatisticamente significativo entre o tipo de relacionamento e as dimensões do consentimento interno [Traço de Pillai= .086, $F(9, 1596) = 5.204$, $p < .0005$, η^2 parcial= .03]. Após utilizados os procedimentos de comparação *post-hoc* de Bonferroni, as análises univariadas mostraram que as mulheres envolvidas numa relação do tipo exclusivo/monogâmico ($M = 3.45$, $DP = .52$, $p < .01$) transmitem, de forma significativa, mais pistas relacionadas com a dimensão de Sensualidade e Segurança em comparação com as mulheres que não se encontram atualmente envolvidas em atividade sexual ($M = 3.15$, $DP = .66$, $p < .01$). Os testes univariados mostraram ainda que as mulheres envolvidas numa relação do tipo exclusivo/monogâmico ($M = 3.70$, $DP = .50$, $p < .01$) transmitem, de forma significativa, mais pistas relacionadas com a dimensão Consentimento Percebido em comparação com as mulheres que não se encontram atualmente envolvidas em atividade sexual ($M = 3.44$, $DP = .66$, $p < .01$), (cf. Tabela 4).

3.1.2.3.2. Efeitos do tipo de relacionamento no consentimento externo.

Realizou-se uma MANOVA com o intuito de se avaliar o efeito da condição grupo (Exclusivo/monogâmico x Não exclusivo/não-monogâmico x Encontros sexuais casuais x Não envolvida atualmente em atividade sexual) nas seguintes dimensões: Toque, Abordagem Física, Comunicação, Envolvimento, Momento Espontâneo e, Ação e Controlo. Os testes de Homogeneidade não suportaram o pressuposto da homogeneidade das matrizes de covariância-variância¹². Por esta razão, foi utilizado o traço de Pillai ao longo da análise (Meyers, Gamts, & Guarino, 2006). A análise multivariada revelou um

¹¹ M de Box: $p = .000$; Teste de Levene: Sensualidade e Segurança: $p = .005$; Consentimento Percebido: $p = .000$; Sensações Físicas/Ativação Geral: $p = .090$.

¹² M de Box: $p = .000$ e o Teste de Levene: Toque/Abordagem Física: $p = .000$; Comunicação: $p = .449$; Envolvimento: $p = .009$; Momento Espontâneo: $p = .730$; Ação e Controlo: $p = .429$.

efeito principal estatisticamente significativo entre o tipo de relacionamento e as dimensões do consentimento externo [Traço de Pillai= .098, $F(15, 1590) = 3.577$, $p < .0005$, η^2 parcial= .03]. Após utilizados os procedimentos de comparação *post-hoc* de Bonferroni, as análises univariadas revelaram que em relação à dimensão Toque/Abordagem Física, as mulheres envolvidas numa relação do tipo exclusivo/monogâmico ($M = .96$, $DP = .14$, $p < .01$) transmitem, de forma significativa, mais pistas relacionadas com esta dimensão em comparação com as mulheres não-exclusivas/não-monogâmicas ($M = .76$, $DP = .39$, $p < .01$) e com as mulheres não envolvidas atualmente numa relação sexual ($M = .88$, $DP = .25$, $p < .01$); as mulheres envolvidas em encontros sexuais casuais ($M = .95$, $DP = .14$, $p < .01$) transmitem, de forma significativa, mais pistas relacionadas com esta dimensão em comparação com as mulheres não-exclusivas/não-monogâmicas ($M = .76$, $DP = .39$, $p < .01$). Quanto à dimensão Envolvimento, as mulheres exclusivas/monogâmicas ($M = .90$, $DP = .17$, $p < .01$) transmitem, de forma significativa, mais pistas relacionadas com esta dimensão em comparação com as mulheres não-exclusivas/não-monogâmicas ($M = .76$, $DP = .30$, $p < .01$) e com as mulheres não envolvidas atualmente numa relação sexual ($M = .82$, $DP = .24$, $p < .01$). Finalmente, no que respeita à dimensão Momento Espontâneo, as mulheres não-exclusivas/não-monogâmicas ($M = .64$, $DP = .39$, $p < .05$) transmitem, de forma significativa, mais pistas relacionadas com esta dimensão em comparação com as mulheres exclusivas/monogâmicas ($M = .36$, $DP = .35$, $p < .05$); e, as mulheres não-exclusivas/não-monogâmicas ($M = .64$, $DP = .39$, $p < .05$) transmitem, de forma significativa, mais pistas relacionadas com esta dimensão em comparação com as mulheres não envolvidas atualmente em relação sexual ($M = .36$, $DP = .36$, $p < .05$), (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Diferenças encontradas entre o Tipo de Relacionamento para cada uma das dimensões do Consentimento Interno e do Consentimento Externo (n= 536)

		Tipo de Relacionamento										
		Exclusivo/Monogâmico (n= 370)		Não- exclusivo/não- monogâmico (n= 15)		Encontros sexuais casuais (n= 42)		Não envolvida atualmente em atividade sexual casual (n= 109)				
		M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	<i>F</i> (3,532)	<i>p</i>	η^2
Consentimento Interno	SS	3.45a	.52	3.36ab	.70	3.25ab	.38	3.15b	.66	9.42	.000**	.05
	CP	3.70a	.50	3.48ab	.75	3.61ab	.36	3.44b	.66	6.68	.000**	.04
	SF/AG	2.92	.60	2.70	.84	3.02	.55	2.93	.59	1.05	.371	.01
Consentimento Externo	T/AF	.96ac	.14	.76b	.39	.95cd	.14	.88bd	.25	11.12	.000**	.06
	C	.51	.36	.47	.34	.50	.34	.47	.38	.53	.659	.00
	E	.90a	.17	.76b	.30	.89ab	.16	.82ab	.24	7.59	.000**	.04
	ME	.36a	.35	.64b	.39	.44ab	.36	.36a	.36	3.42	.017*	.02
	A/C	.70	.32	.49	.40	.65	.33	.64	.35	2.43	.064	.01

Nota. Para cada fator, as médias assinaladas com letras diferentes diferem significativamente entre si.

p* < .05, *p* < .001

SS= Sensualidade e Segurança; CP= Consentimento Percebido; SF/AG= Sensações Físicas/Ativação Geral; T/AF= Toque/Abordagem Física; C= Comunicação; E= Envolvimento; ME= Momento Espontâneo; AC= Ação e Controle.

3.1.2.4. Efeitos do estado de relacionamento.

3.1.2.4.1. Efeitos do estado de relacionamento no consentimento interno.

Utilizou-se a MANOVA com o intuito de se avaliar o efeito da condição grupo (Solteira e não sai em encontros x Solteira, mas sai em encontros x Numa relação ou casada x Outro estado de relacionamento) nas seguintes dimensões: Sensualidade e Segurança, Consentimento Percebido e Sensações Físicas/Ativação Geral. Os testes de Homogeneidade não suportaram o pressuposto da homogeneidade das matrizes de covariância-variância¹³. Por esta razão, foi utilizado o traço de Pillai ao longo da análise (Meyers, Gamts, & Guarino, 2006). A análise multivariada revelou um efeito principal estatisticamente significativo entre o estado de relacionamento e as dimensões do consentimento interno [Traço de Pillai= .076, $F(9, 1596) = 4.633$, $p < .0005$, η^2 parcial= .02]. Após utilizados os procedimentos de comparação *post-hoc* de Bonferroni, as análises univariadas mostraram que as mulheres que se encontram numa relação ou são casadas ($M = 3.46$, $DP = .03$, $p < .01$) transmitem, de forma significativa, mais pistas relacionadas com a dimensão Sensualidade e Segurança quando comparadas com as mulheres solteiras e que não saem em encontros ($M = 3.15$, $DP = .05$, $p < .01$). Os testes univariados revelaram ainda que as mulheres que se encontram numa relação ou são casadas ($M = 3.68$, $DP = .03$, $p < .005$) transmitem, de forma significativa, mais pistas relacionadas com a dimensão Consentimento Percebido quando comparadas com as mulheres solteiras e que não saem em encontros ($M = 3.46$, $DP = .05$, $p < .005$) (cf. Tabela 5).

3.1.2.4.2. Efeitos do estado de relacionamento no consentimento externo.

Através da MANOVA avaliou-se o efeito da condição grupo (Solteira e não sai em encontros x Solteira, mas sai em encontros x Numa relação ou casada x Outro estado de relacionamento) nas seguintes dimensões: Toque/Abordagem Física, Comunicação, Envolvimento, Momento Espontâneo e, Ação e Controlo. Os testes de Homogeneidade não suportaram o pressuposto da homogeneidade das matrizes de covariância-variância¹⁴. Por esta razão, foi utilizado o traço de Pillai ao longo da análise (Meyers, Gamts, & Guarino, 2006). Não foi encontrado um efeito significativo [Traço de Pillai= .040, $F(15, 1590) = 1.417$, $p = .131$] (cf. Tabela 5).

¹³ M de Box: $p = .000$; Teste de Levene: Sensualidade e Segurança: $p = .006$; Consentimento Percebido: $p = .002$; Sensações Físicas/Ativação Geral: $p = .439$.

¹⁴ M de Box: $p = .000$; Teste de Levene: Toque/Abordagem Física: $p = .002$; Comunicação: $p = .716$; Envolvimento: $p = .088$; Momento Espontâneo: $p = .881$; Ação e Controlo: $p = .299$.

Tabela 5

Diferenças encontradas entre o Estado de Relacionamento para cada uma das dimensões do Consentimento Interno e do Consentimento Externo.

		Estado de Relacionamento											
		Solteira e não sai em encontros		Solteira, mas sai em encontros		Numa relação ou casada		Outro estado de relacionamento					
		M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	<i>F</i> (3,532)	<i>p</i>		
Consentimento Interno	Sensualidade e Segurança	3.15a	.05	3.32ab	.06	3.46b	.03	3.30ab	.13	8.52	.000**	.05	
	Consentimento Percebido	3.46a	.05	3.63ab	.06	3.68b	.03	3.65ab	.12	4.57	.004*	.02	
	Sensações Físicas/Ativação Geral	2.94	.06	3.00	.07	2.90	.03	2.96	.14	.72	.540	.00	
Consentimento Externo	Toque/Abordagem Física	.91	.02	.93	.02	.95	.01	.95	.01	1.41	.238	.01	
	Comunicação	.46	.04	.47	.04	.53	.02	.46	.08	1.29	.278	.01	
	Envolvimento	.83	.02	.88	.02	.90	.01	.86	.04	3.70	.012	.02	
	Momento Espontâneo	.38	.03	.42	.04	.36	.02	.56	.08	2.32	.074	.01	
	Ação e Controlo	.65	.03	.65	.04	.69	.02	.60	.08	1.01	.386	.01	

Nota. *p< .01, **p< .001

3.1.2.5. Correlações entre a satisfação à leitura do(s) livro(s) e as dimensões das escalas do consentimento.

No que diz respeito à correlação entre a satisfação à leitura do(s) livro(s) e a escala de consentimento interno verificou-se que existe uma correlação significativa negativa e fraca entre o grau de satisfação à leitura da obra e o fator Consentimento Percebido ($r = -.09$, $p < .05$) e entre o grau de satisfação e o fator Sensações Físicas/Ativação Geral ($r = -.11$, $p < .05$). Quanto à correlação para a escala do consentimento externo averiguou-se a existência de uma correlação significativa negativa e fraca entre o grau de satisfação à obra e o fator Comunicação ($r = -.10$, $p < .05$), (cf. Tabela 6).

3.1.2.6. Correlações entre a satisfação do visionamento do filme e as dimensões das escalas do consentimento.

Não se verificaram correlações significativas para nenhuma das dimensões de ambas escalas do consentimento (cf. Tabela 6).

Tabela 6

Matriz de correlação entre o Grau de satisfação à leitura da obra e o Grau de satisfação ao visionamento do filme para cada um dos fatores do Consentimento Interno e do Consentimento Externo

				Consentimento Interno			Consentimento Externo				
		Grau de satisfação à leitura da obra	Grau de satisfação ao visionamento do filme	SS	CP	SF/AG	T/AF	C	E	ME	AC
Consentimento Interno	SS	-.08	.06	-	-	-	-	-	-	-	-
	CP	-.09*	.06	.79**	-	-	-	-	-	-	-
	SF/AG	-.11*	-.01	.46**	.42**	-	-	-	-	-	-
Consentimento Externo	T/AF	-.01	.00	.32**	.37**	.18**	-	-	-	-	-
	C	-.10*	.00	.19**	.11**	.13**	.20**	-	-	-	-
	E	.04	.07	.28**	.26**	.16**	.43**	.24**	-	-	-
	ME	.06	-.04	-.08	-.08	.07	-.03	-.20**	.05	-	-
	AC	-.02	-.02	.16**	.12**	.05	.24**	.36**	.24**	-.06	-

Nota. Os valores apresentados correspondem a r de Pearson: * $p < .05$; ** $p < .01$.

SS= Sensualidade e Segurança; CP= Consentimento Percebido; SF/AG= Sensações Físicas/Ativação Geral; T/AF= Toque/Abordagem Física; C= Comunicação; E= Envolvimento; ME= Momento Espontâneo; AC= Ação e Controle

3.2. Abordagem Qualitativa

Após efetuada uma análise de conteúdo às respostas dadas pelas participantes para cada uma das questões de resposta aberta notou-se que emergiram algumas categorias em comum, mas também outras diferentes, tanto no que diz respeito às razões que as levaram à leitura do livro e/ou ao visionamento do filme – B3 (cf. Anexo E) e C3 (cf. Anexo F) – como também em que medida consideraram que a leitura e/ou ao visionamento da obra influenciou os seus comportamentos sexuais – B4 (cf. Anexo G) e C4 (cf. Anexo H).

No que diz respeito às razões que levaram as participantes a visualizar o filme e/ou a ler o(s) livro(s) (B3 e C3, respetivamente) surgiram as seguintes categorias em comum: Curiosidade/interesse não especificados (as participantes apenas sentiram curiosidade ou interesse em ler ou visualizar a obra), Popularidade/Mediatismo (as participantes leram e/ou visualizaram a obra devido à popularidade e polémica associada), Influência de outros (as participantes revelaram que foram aconselhadas/pressionadas por outrem a ler/visualizar a obra) e Interesse pelo conteúdo (as participantes revelaram interesse pela história retratada, carácter erótico e tema, associado ao BDSM). Quanto às categorias distintas, mas associadas ao visionamento do filme (B3) destacam-se a Leitura prévia do(s) livro(s) (o motivo que levou as participantes a ver o filme foi o facto de já terem lido o(s) livro(s)), Interesse pelos atores (as participantes relataram admirarem os atores envolvidos) e Procura de aprovação (uma participante revelou que viu o filme, pois pretendia confirmar que não era a única a realizar “certas coisas”). Em relação às categorias distintas, mas associadas à leitura do livro destacam-se a Visualização prévia do filme (as participantes revelaram que após o visionamento do filme tiveram curiosidade em ler o(s) livro(s)), Relação com a obra “Twilight” (as participantes interessaram-se pela leitura da obra por saberem que esta era uma *fanfic* de outra que apreciavam, “Twilight”) e Apoio à normalização da literatura erótica (uma participante revelou que com a leitura da obra pretendia apoiar a literatura erótica e a sua normalização. De todas as categorias consideradas para caracterizar os motivos para a visionamento do filme salienta-se a Leitura prévia do(s) livro(s) como a mais frequente no discurso das participantes do estudo, ao contrário do que aconteceu para a leitura do(s) livro(s), em que a categoria com maior frequência de respostas foi a Popularidade/Mediatismo.

Relativamente às respostas que as participantes deram para caracterizar a influência que o visionamento do filme e/ou a leitura do(s) livro(s) (B4 e C4, respetivamente) teve nos seus comportamentos sexuais, estas fizeram emergir categorias iguais para as duas

fontes de influência, as quais passo a citar: Nenhuma influência (as participantes revelaram que não houve nenhuma influência nos seus comportamentos sexuais), Teve influência, não especificada (as participantes revelaram existir alguma influência, não tendo, porém, especificado em que medida), Adoção de uma postura diferente perante o sexo (as participantes revelaram que se tornaram mais desinibidas, confiantes e descontraídas na relação sexual, pelo que outras passaram a adotar posturas mais submissas ou dominantes e uma delas referiu aceitar mais o sexo ocasional), Aumento do desejo sexual (as participantes referiram ter sentido um aumento do seu desejo sexual), Novas perspetivas acerca do sexo (segundo as participantes, estas adquiriam novas perspetivas acerca das várias práticas sexuais, salientando o facto da obra ter permitido diminuir o tabu associado a algumas delas e de lhes ter proporcionado uma mente mais aberta), Desejo de experimentar novas práticas sexuais (as participantes referiram que a obra lhes despertou o desejo de experimentarem algumas das práticas sexuais aí representadas), Aumento do conhecimento quanto à diversidade de práticas sexuais (as participantes referiram que ganharam mais consciência acerca da variedade de práticas sexuais até então desconhecidas ou pouco exploradas por si) e Aumento de fantasias sexuais (as participantes salientaram o facto da obra lhes ter permitido estarem mais recetivas a fantasias sexuais). A nível da frequência das categorias, e no que diz respeito, tanto à influência do visionamento do filme, como da leitura do(s) livro(s) nos comportamentos sexuais das participantes, salienta-se a Nenhuma influência como a mais frequente, sendo que, apesar de a maioria das participantes não ter justificado, algumas delas justificaram com o facto de não concordarem com a prática de determinados comportamentos de BDSM e fantasias representados no filme, no entanto algumas delas salientaram o facto de considerarem serem mulheres com abertura para a diferença e para o desconhecido, pelo que não consideraram esta obra uma novidade. Além disto, é de notar que as categorias Desejo de experimentar novas práticas sexuais, Adoção de uma postura diferente perante o sexo e Aumento do conhecimento quanto à diversidade de práticas sexuais tiveram uma frequência muito semelhante para as duas questões B4 e C4, tendo sido, ainda, as categorias mais frequentes para cada uma das questões.

IV. Discussão

4.1. Discussão dos Resultados

Dado que o consentimento sexual é um conceito ainda pouco estudado e explorado na literatura e como forma de se ultrapassar a falta de investigação a esse nível, tentou-se perceber se as narrativas presentes na cultura popular atual, como por exemplo a obra “Cinquenta Sombras de Grey”, consideradas sexistas e abusadoras por alguns autores (Altenburger et al., 2017; Bonomi et al., 2013; Bonomi et al., 2014), influenciam a forma como as estudantes universitárias expressam o seu consentimento sexual.

Deste modo, os resultados obtidos neste estudo mostraram que a exposição narrativa à obra “Cinquenta Sombras de Grey” teve um efeito significativo na forma como as estudantes universitárias transmitiram o seu consentimento sexual interno em relação a um evento sexual; as estudantes que leram parte da obra ou a sua totalidade utilizaram mais pistas relacionadas com as dimensões Sensualidade e Segurança e Consentimento Percebido em comparação com as estudantes que não leram nenhum livro. Isto poderá indicar que as mulheres que leram parte da obra ou a sua totalidade se sentiram menos inibidas para indicarem a sua vontade para se envolverem em atividade sexual através de sentimentos, tais como sentir-se sensual, em segurança e considerarem o sexo consentido. No estudo de Jozkowsky e colaboradores (2014), a escala do consentimento interno foi mais elevada para os homens do que para as mulheres, tendo a autora justificado pelo facto de as mulheres receberem mensagens contraditórias acerca da sexualidade e expressão sexual, pelo que se sentem mais confusas a nível dos seus sentimentos internalizados para consentirem a atividade sexual. Com base nesta perspetiva, podemos supor que se as mensagens transmitidas por esta obra fossem contraditórias às expectativas sociais criadas em volta do papel sexual da mulher, combinadas com os próprios desejos e interesses sexuais das mulheres, poderia resultar na própria uma experiência conflituosa de sentimentos internos relativos à sua vontade para se envolver em sexo. Porém, considerando que, neste caso, se verificou o oposto, é possível que as mensagens recebidas pela exposição à obra estivessem conforme o *script* sexual tradicional e fossem aceites pelas mesmas.

Por outro lado, também é possível que as mulheres, especialmente com um nível de escolaridade mais elevado, como é o caso, consigam ser mais críticas relativamente às

mensagens que recebem e menos suscetíveis de serem alvo de influência, pelo que é provável que algumas pessoas sejam mais propícias à influência do conteúdo divulgado pelos *media* do que outras (Felson, 1996). De facto, com base na análise de conteúdo foi possível perceber que muitas mulheres consideraram que a obra não influenciou os seus comportamentos sexuais, pois, para além de não se identificarem com as personagens da história, algumas delas consideraram serem mulheres com abertura para a diferença e para o desconhecido, não constituindo o conteúdo da obra uma novidade para si. No entanto, a leitura do(s) livros(s) não exerceu influência na expressão do consentimento sexual externo, pelo que, tanto as estudantes universitárias que leram os livros, como as que não leram, utilizaram as mesmas pistas associadas ao consentimento externo.

Relativamente à exposição visual da obra, independentemente de as participantes terem lido ou não o(s) livro(s), esta não influenciou a forma como as estudantes indicaram o seu consentimento sexual, tanto a nível interno, como externo. Isto pode ser justificado pelo o facto de não se ter considerado apenas a exposição ao visionamento do filme nas análises, sendo que isto permitiu que a variável leitura do(s) livro(s) exercesse a sua influência nos resultados; apesar de a maioria das pessoas ter lido o(s) livro(s) e visto o filme, estas foram comparadas com participantes que não viram o filme, mas que 28 delas leram o(s) livro(s). Desta forma, seria interessante em estudos posteriores considerar as duas modalidades sensoriais em conjunto, narrativa e visual, e analisar a sua influência no grupo de mulheres que não teve exposta à obra.

Além disto, analisou-se também a influência do tipo e estado de relacionamento das participantes na forma como estas transmitem o seu consentimento sexual, pelo que, relativamente ao consentimento sexual interno foram encontradas diferenças para as duas variáveis. Mais especificamente, as mulheres envolvidas numa relação do tipo exclusivo/monogâmico e as mulheres que se encontram numa relação ou são casadas utilizaram mais pistas relacionadas com a dimensão Sensualidade e Segurança e com a dimensão Consentimento Percebido. Estes resultados podem ser justificados com base no estudo de Jozkowsky e colaboradores (2014), na medida em que uma mulher que tem relações sexuais sempre com o mesmo parceiro se sente mais confiante com a sua vontade interna para se envolver em sexo, pois possivelmente será um companheiro que lhe dá alguma segurança e com quem se sentem confortáveis. No que diz respeito à forma como transmitem o seu consentimento sexual externo, apenas houve influência para o tipo de relacionamento, na medida em que as mulheres envolvidas numa relação do tipo exclusivo/monogâmico transmitem mais pistas relacionadas com a dimensão

Toque/Abordagem Física e Envolvimento, sendo que para as restantes dimensões, Comunicação, Ação e Controlo, e Momento Espontâneo, as mulheres utilizaram na mesma medida as pistas a elas associadas. Isto pode ser justificado, mais uma vez, pelo facto de as relações do tipo exclusivo/monogâmico envolverem relações sexuais regulares com o mesmo parceiro sexual, possibilitando à mulher sentir-se mais confortável e confiante, pelo que faz mais sentido utilizarem mais pistas relacionadas com o aumento da proximidade física, utilização de pistas não-verbais, como a linguagem corporal, e a não resistência e/ou retribuição aos avanços sexuais do parceiro (Jozkowsky et al., 2014).

Também as mulheres envolvidas em encontros sexuais casuais utilizaram mais pistas relacionadas com a dimensão Toque/Abordagem Física, como o aumento do contacto físico através do toque e o envolvimento em preliminares, mas quando comparadas com as mulheres não-exclusivas/não-monogâmicas. Por outro lado, as mulheres não-exclusivas/não-monogâmicas transmitiram o seu consentimento sexual externo de forma mais espontânea, pelo que deixam a relação sexual decorrer sem dizer ou fazer alguma coisa, a relação “apenas acontece”. Estes resultados poderão significar que as mulheres não-exclusivas/não-monogâmicas poderão sentir-se mais inibidas em iniciar o contacto físico com o parceiro sexual, pois ao não terem uma relação exclusiva com este, as mulheres esperam que seja o parceiro a iniciar os preliminares, daí a utilização de mais pistas relacionadas com a dimensão Momento Espontâneo. Já as mulheres exclusivas não se sentem tão inibidas, pois o parceiro é o mesmo, e as mulheres envolvidas em encontros sexuais casuais também não, já que o objetivo é que a relação sexual aconteça apenas uma vez, possivelmente sem repetição com o mesmo parceiro e com quem provavelmente não mantêm laços afetivos. Já, relativamente ao estado de relacionamento, não se verificaram diferenças significativas na forma como as mulheres expressam o seu consentimento sexual externo, pelo que poderá estar relacionado com o facto de ser uma variável com mais importância em mulheres mais velhas, onde as dinâmicas relacionais são diferentes, pois existirão outras fontes de *stress*, filhos, entre outros, ou com maior variabilidade (e.g., divorciadas, separadas, etc.).

É de realçar que relativamente à dimensão Sensações Físicas/Ativação Geral da ECI, as mulheres utilizam as mesmas pistas de igual forma, não variando a nível da exposição, tipo e estado de relacionamento, o que pode dever-se ao facto de ser uma dimensão que diz respeito aos sentimentos relacionados com as sensações corporais advindas da excitação, pelo que poderá ser semelhante para todas as mulheres.

Ao contrário do que aconteceu para a influência da exposição narrativa, em que as participantes mais expostas utilizaram mais pistas relacionadas com a escala do consentimento sexual interno, as mulheres quanto mais satisfeitas com a leitura do(s) livro(s), transmitiram menos pistas relacionadas com a escala do consentimento sexual interno. Convém salientar que, quando se avaliou a satisfação face ao livro ou filme, as mulheres podiam ter lido ou não o(s) livro(s) e visto ou não o filme, o que pode de alguma forma ter influenciado a resposta das participantes. Porém, este achado poderá querer dizer que a exposição por si só não leva a mudanças na forma como as estudantes universitárias dão o seu consentimento sexual, pelo que a influência estará mais relacionada com a forma como as estudantes interpretaram as narrativas presentes na obra e se identificaram ou não com as mesmas. Deste modo, é possível que uma maior satisfação levará a mais sentimentos internalizados conflituosos, se as mensagens recebidas não vão ao encontro das expectativas/valores/crenças das mulheres, pelo que as mulheres que se identificam com as narrativas divulgadas, utilizarão mais pistas relacionadas com os seus sentimentos internalizados para indicarem o seu consentimento sexual.

Quanto à correlação para a escala do consentimento externo averiguou-se que as participantes mais satisfeitas com a leitura do(s) livro(s) utilizaram menos pistas relacionadas com uma tentativa em comunicar o seu consentimento, de forma verbal ou não-verbal, indo ao encontro dos *scripts* sexuais tradicionais, em que é esperado que seja o homem a iniciar a atividade sexual e que as mulheres funcionem como *gatekeepers* sexuais, decidindo apenas se o sexo irá realmente ocorrer (Jozkowski, 2011). Já, relativamente à correlação entre o grau de satisfação ao visionamento do filme para as várias dimensões de consentimento interno e de consentimento externo, não se verificaram correlações significativas, o que poderá estar relacionado com o facto de o livro apresentar uma narrativa mais pormenorizada e de isso, para além de ter criado um maior nível de satisfação por parte das mulheres (visível na análise qualitativa), também é possível que tenha causado um maior impacto.

Quanto à análise qualitativa, de todas as categorias consideradas para caracterizar os motivos para a visualização do filme salienta-se a Leitura prévia do(s) livro(s) como a mais frequente no discurso das participantes do estudo, ao contrário do que aconteceu para a leitura do(s) livro(s), em que a categoria com maior frequência de respostas foi a Popularidade/Mediatismo, o que parece justificar o elevado número de participantes que leu o(s) livro(s) e viu o filme e o baixo número de participantes que só leu a obra, pois a popularidade dos livros levou a que as pessoas os lessem, sendo que posteriormente quem

leu teve a curiosidade de ver o filme. Além disto, verificou-se que, apesar da maioria das participantes ter considerado que nem a visualização do filme nem a leitura do(s) livro(s) tiveram influência nos seus comportamentos sexuais, algumas das participantes justificaram pelo facto de não concordarem com a prática de determinados comportamentos de BDSM e fantasias representados no filme, pelo que escolheram não alterar os seus comportamentos sexuais, outras participantes salientaram o facto de considerarem serem mulheres com abertura para a diferença e para o desconhecido, pelo que não consideraram esta obra uma novidade. Por outro lado, é de notar o facto de o visionamento do filme e a leitura do(s) livro(s) ter proporcionado, segundo as participantes, desejo para experimentar novas práticas sexuais, uma postura diferente perante o sexo e um aumento do conhecimento quanto à diversidade de práticas sexuais. Estes dados corroboram as perspetivas mais positivas e defensoras do conteúdo pornográfico, pelo que, segundo Reenen (2014), no processo de escolha para consumir tal material, as mulheres estão a recuperar a sua sexualidade e a rejeitar a repressão sexual, para além de que o consumo realizado de forma aberta e a discussão deste tipo de materiais permitem que as mulheres possam desenvolver um vocabulário sexual, aprender diversas práticas sexuais e reduzir a vergonha em torno do seu desejo sexual (Parry & Light, 2014), o que parece ter acontecido junto destas mulheres.

4.2. Limitações do Estudo e Sugestões para Investigação Futura

Relativamente à análise fatorial exploratória realizada para avaliação das características da escala, o ideal teria sido utilizar uma amostra diferente da utilizada para o estudo principal, contudo, por limitação de tempo, optou-se por uma única amostra. Por outro lado, os resultados revelaram que a ECI representa um método de avaliação válido e confiável dos sentimentos de um indivíduo que consente para um evento sexual, já que exibiu uma consistência interna elevada e os valores obtidos para os seus fatores correspondentes indicaram uma boa fiabilidade. Contudo, a consistência interna obtida para a ECE revelou-se mais baixa, em comparação com a da ECI, indicando apenas uma fiabilidade aceitável, sendo que os valores obtidos para os seus fatores representaram uma fiabilidade baixa. Deste modo, os resultados obtidos devem ser lidos com cuidado. Neste sentido, são necessárias análises adicionais para aperfeiçoamento da escala, para que possa ser utilizada no futuro para outros estudos que pretendam avaliar o consentimento sexual. Tal como demonstrado pela correlação, a ECI, a ECE e os seus fatores correspondentes encontram-se correlacionados, indicando uma associação entre as duas medidas, o que

seria de esperar, pois ambas avaliam o mesmo evento sexual. Assim, estes resultados validam a noção de que as expressões internas se encontram alinhadas com os indicadores de comportamento externo, apesar da força desta relação ter sido fraca, e suporta a concetualização de que o consentimento interno e externo são dois conceitos distintos, demonstrando existir uma necessidade de duas medidas do consentimento sexual separadas (Jozkowsky et al., 2014).

No que diz respeito à construção das questões respetivas à avaliação quantitativa, teria sido importante na pergunta que avalia o estado de relacionamento colocar uma pequena definição de cada conceito, para que fosse mais fácil para as participantes se identificarem com as categorias, mas principalmente para depois na análise dos resultados ser possível compreender, em específico, que tipo de pessoas podem estar incluídas em cada uma delas. Quanto à abordagem qualitativa deste estudo salienta-se o facto de as questões direccionadas para a influência da obra nos comportamentos sexuais terem sido demasiado específicas, apesar de muitas participantes não se terem focado só na influência nos seus comportamentos sexuais, mas também nas suas atitudes sexuais, pelo que a questão deveria estar formulada de uma forma mais geral, pelo que, dessa forma, seria possível que as participantes salientassem mais e diferentes aspetos.

Embora tenham sido encontradas diferenças significativas para o tipo e estado de relacionamento no sentido esperado, não é possível saber se o evento sexual que está a ser tido em conta pelas participantes quando elas responderam aos itens das escalas de consentimento ocorreu, de facto, no contexto de uma relação indicada na secção dos dados sociodemográficos das participantes (Jozkowsky et al., 2014).

Além disto, convém salientar que este é um estudo transversal e que por esse motivo não é possível estabelecer relações de causalidade aquando da interpretação dos resultados, pelo que é desconhecido se foi a exposição narrativa que levou as estudantes universitárias a transmitirem o seu consentimento sexual com mais pistas internas ou se a forma como estas transmitem o seu consentimento sexual levou a que estas fossem mais propensas a manifestar interesse na leitura do(s) livro(s).

Estas medidas de consentimento sexual também poderão ser usadas para avaliações futuras do consentimento sexual interno e externo relativamente a uma variedade de contextos, como por exemplo comparar com determinados comportamentos sexuais em específico, para além da penetração vaginal, como foi o caso deste estudo, pois, por exemplo, Hall (1998), descobriu que quanto mais íntimo o comportamento sexual (e.g., penetração vaginal e anal, sexo oral) mais provável era que a permissão fosse dada de

forma verbal. Também seria interessante comparar com fatores contextuais/situacionais específicos, já que o consentimento pode ser influenciado se, por exemplo, a relação sexual ocorre em situações onde é socialmente expectável em comparação com situações em que não é esperado ou em situações onde envolve álcool relativamente a situações que não o envolvem (Jozkowsky et al., 2014).

Tendo em conta que vários estudos já referidos (Hickamn & Muehlenhard, 1999; Jozkowski & Peterson, 2013; Jozkowski et al., 2014) revelaram a existência de diferenças de género no que respeita à comunicação e interpretação do consentimento sexual seria interessante perceber se o mesmo acontece na população portuguesa e em que sentido.

Finalmente, apesar das limitações, este estudo foi o primeiro em Portugal a examinar, de forma empírica, as associações entre a exposição à obra “Cinquenta Sombras de Grey”, o estado de relacionamento e o tipo de relacionamento, na forma como as estudantes universitárias expressam o seu consentimento sexual.

V. Conclusão

Atendendo aos resultados obtidos com este estudo e às suas implicações, considerou-se importante finalizar este trabalho com uma reflexão acerca do significado que atribuímos a todas estas descobertas.

Este estudo teve como principal objetivo a exploração da forma como as estudantes universitárias expressam o seu consentimento sexual, tanto a nível interno como externo, mais especificamente perceber se a expressão do seu consentimento face a um determinado evento sexual varia consoante a sua exposição à saga “Cinquenta Sombras de Grey”, o seu tipo e estado de relacionamento, e sua satisfação face à leitura do(s) livro(s) ou ao visionamento do filme. De facto, surgiram alguns resultados aparentemente contraditórios, nomeadamente o facto de as mulheres expostas à leitura da obra utilizarem mais pistas associadas a sentimentos em comparação com as mulheres não expostas; por outro lado, quanto mais satisfeitas as mulheres se encontravam com a leitura da obra menos pistas associadas aos seus sentimentos elas utilizavam para manifestar o seu consentimento sexual. Desta forma, considerou-se que a exposição por si só não é capaz de influenciar comportamentos e/ou atitudes sexuais, pelo que existirão outras variáveis que poderão influenciar o seu efeito na forma como as estudantes universitárias expressam o seu consentimento sexual, nomeadamente o nível de escolaridade, características de personalidade (Hald & Malamuth, 2015) e repertório de crenças sexuais (Altenburger et al., 2017).

Assim, pensa-se que a influência no consentimento sexual estará dependente da interpretação que cada pessoa faz das mensagens que recebe e da sua concordância com as mesmas, e não tanto do conteúdo em si que é transmitido. Neste sentido, a propagação deste tipo de narrativas que reforçam a violência por parte do parceiro íntimo terá um maior impacto em algumas pessoas, ao contrário de outras (Felson, 1996), podendo depender das características mencionadas acima. No entanto, não deixa de ser importante a redução deste tipo de mensagens divulgadas pelos *media* e um esforço maior por parte destes em difundir papéis de género mais igualitários (Bonomi et al., 2016). Além disto, seria também importante transmitir representações mais responsáveis e realistas do sexo através dos *media* relacionados com o entretenimento, especificamente as revistas (Hust et al., 2014).

Os jovens também deveriam ser mais encorajados e ajudados a desenvolverem competências eficazes para conseguirem avaliar de forma crítica como é que as características de género e as expectativas são retratadas socialmente (Altenburger et al., 2017). Para isto, a obra “Cinquenta Sombras de Grey” poderia ser utilizada em projetos destinados à educação da violência sexual em contexto universitário com o objetivo de promover o diálogo e reflexão em volta das representações de género nos *media*, crenças de género dos próprios jovens adultos, e as consequências negativas associadas com o sexismo e a saúde das mulheres (Altenburger et al., 2017), na medida em que o sexismo, difundido pela cultura popular, tem vindo a ser associado a atitudes que legitimam o abuso (Hall & Barongam, 1997).

Por outro lado, seria extremamente importante continuar-se a investir na investigação neste objeto de estudo que é o consentimento sexual, dado o seu carácter indissociável da agressão sexual. Deste modo, torna-se importante conhecer os fatores que poderão influenciar negativamente o modo como o consentimento é expresso, para que se possa elaborar projetos de prevenção da violência sexual, tanto em contexto universitário como em populações mais novas, que visem contornar esses mesmos fatores.

Além disto, investir na divulgação do consentimento sexual e o que é que este conceito acarreta, pois segundo Warren e colaboradores (2015), a compreensão que os indivíduos têm acerca do conceito de consentimento sexual está relacionado com a probabilidade de os mesmos concretizarem uma agressão sexual, tornando-se claro que a compreensão do consentimento sexual é um fator crucial nas relações sexuais saudáveis, tornando-se necessário trabalhar a forma como as pessoas dão e interpretam as formas de expressão do consentimento sexual (Jozkowski et al., 2014).

Na verdade, é de salientar que, até ao momento, não existem investigações que estudaram a influência desta obra no consentimento sexual, pelo que este estudo pode contribuir para o aprofundamento do conhecimento acerca deste conceito, a sua ligação com a agressão sexual e com determinados fatores que podem influenciar a sua expressão, mas também será útil para área da sexualidade em geral e na prevenção da violência sexual.

Referências Bibliográficas

- Altenburger, L. E., Carotta, C. L., Bonomi, A. E., & Snyder, A. (2017). Sexist attitudes among emerging adult women readers of Fifty Shades fiction. *Archives of Sexual Behavior*, 46(2), 455-464. doi: 10.1007/s10508-016-0724-4
- Anderson, C. A., Carnagey, N. L., & Eubanks, J. (2003). Exposure to violent media: the effects of songs with violent lyrics on aggressive thoughts and feelings. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84(5), 960-971. doi: 10.1037/0022-3514.84.5.960
- Armstrong, E. A., Hamilton, L., & Sweeney, B. (2006). Sexual assault on campus: a multilevel integrative approach to party rape. *Social Problems*, 53(4), 483-499. Acedido a 2 de Maio de 2016 em http://heinonline.org/HOL/Page?handle=hein.journals/socprob53&div=40&g_sent=1&collection=journals
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2015). Depois do não, para! – Campanha de prevenção da violência sexual no ensino superior. Acedido a 22 de Junho de 2016, em http://www.apav.pt/apav_v3/index.php/pt/351-depois-do-nao-para-campanha-de-prevencao-a-o-da-violencia-sexual-no-ensino-superior
- Beres, M. A. (2007). “Spontaneous” sexual consent: An analysis of sexual consent literature. *Feminism & Psychology*, 17, 93-108. doi:10.1177=0959353507072914
- Bonomi, A. E., Altenburger, L. E., & Walton, N. L. (2013). 'Double crap!' abuse and harmed identity in fifty shades of grey. *Journal Of Women's Health*, 22(9), 733-744. doi:10.1089/jwh.2013.4344
- Bonomi, A. E., Nemeth, J. M., Altenburger, L. E., Anderson, M. L., Snyder, A., & Dotto, I. (2014). Fiction or not? fifty shades is associated with health risks in adolescent and young adult females. *Journal Of Women's Health*, 23(9), 720-728. doi:10.1089/jwh.2014.4782
- Bonomi, A. E., Nichols, E. M., Carotta, C. L., Kiuchi, Y., & Perry, S. (2016). Young women's perceptions of the relationship in Fifty Shades of Grey. *Journal of Women's Health*, 25(2), 139-148. doi: 10.1089/jwh.2015.5318
- Borgia, D. N. (2014). Twilight: the glamorization of abuse, codependency, and white privilege. *Journal Of Popular Culture*, 47(1), 153-173. doi: 10.1111/j.1540-5931.2011.00872.x.

- Brethauer, B., Zimmerman, T. S., & Banning, J. H. (2006). A feminist analysis of popular music: power Over, objectification of, and violence against women. *Journal Of Feminist Family Therapy, 18*(4), 29-51. doi:10.1300/J086v18n04_02
- Brown, J. D. (2002). Mass media influences on sexuality. *Journal Of Sex Research, 39*(1), 42-45. Acedido a 2 de Maio de 2016, em <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=11&sid=c8ea04aa-a75a-44b3-9815-a24f61d7db64%40sessionmgr4009&hid=4107>
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia, 27*(1), 91-113. Acedido a 1 de Maio de 2016, em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v27n1/v27n1a06.pdf>
- Carvalho, J., Quinta-Gomes, A., & Nobre, P. J. (2013). The sexual functioning profile of a nonforensic sample of individuals reporting sexual aggression against women. *Journal Of Sexual Medicine, 10*(7), 1744-1754. doi:10.1111/jsm.12188
- Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2016). Psychosexual characteristics of women reporting sexual aggression against men. *Journal Of Interpersonal Violence, 31*(15), 2539–2555. doi: 10.1177/0886260515579504
- Elo, S., & Kyngäs, H. (2008). The qualitative content analysis process. *Journal of Advanced Nursing, 62*(1), 107–115. doi: 10.1111/j.1365-2648.2007.04569.x
- EminemVEVO. (2016, 10 de Junho). Eminem - love the way you lie ft. rihanna [Video file]. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=uelHwf8o7_U
- Felson, R. B. (1996). Mass media effects on violent behavior. *Annual Review of Sociology, 22*, 103-128. Acedido a 22 de Maio de 2017, em <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=8&sid=d6fd56d6-fcf5-4c3d-a567-6c1ed07a2e61%40sessionmgr103&hid=107>
- Flack, W. F., Caron, M. L., Leinen, S. J., Breitenbach, K. G., Barber, A. M., Brown, E. N., Gilbert, C. T., Harchak, T. F., Hendricks, M. M., Rector, C. E., Schatten, H. T., & Stein, H. C. (2008). "The Red Zone": temporal risk for unwanted sex among college students. *Journal Of Interpersonal Violence, 23*(9), 1177-1196. doi: 10.1177/0886260508314308
- Garmon, L. C., Glover, R. J., & Vozzola, E. C. (2017). Self-perceived use of popular culture media franchises: does gratification impact multiple exposures?. *Psychology Of Popular Media Culture, 1*-17. doi:10.1037/ppm0000153

- Greene, D. M., & Navarro, R. L. (1998). Situation-specific assertiveness in the epidemiology of sexual victimization among university women. *Psychology Of Women Quarterly*, 22(4), 589-604. Acedido a 22 de Junho de 2016, em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1471-6402.1998.tb00179.x/epdf>
- Hald, G. M., & Malamuth, N. N. (2015). Experimental effects of exposure to pornography: the moderating effect of personality and mediating effect of sexual arousal. *Archives Of Sexual Behavior*, 44, 99–109. doi: 10.1007/s10508-014-0291-5
- Hall, D. S. (1998). Consent for sexual behavior in a college student population. *Electronic Journal of Human Sexuality*, 1. Acedido a 1 de Maio de 2016, em <http://www.ejhs.org/volume1/consent1.htm>
- Hall, G. C. N., & Barongam, C. (1997). Prevention of sexual aggression: sociocultural risk and protective factors. *American Psychologist*, 52(1), 5-14. Acedido a 3 de Maio de 2016, em <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=23&sid=c8ea04aa-a75a-44b3-9815-a24f61d7db64%40sessionmgr4009&hid=4107>
- Hickman, S. E., & Muehlenhard, C. L. (1999). “By the semi-mystical appearance of a condom”: how young women and men communicate consent in heterosexual situations. *Journal of Sex Research*, 36(3), 258–272. Acedido a 1 de Maio de 2016, em <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=c8ea04aa-a75a-44b3-9815-a24f61d7db64%40sessionmgr4009&vid=9&hid=4107>
- Hust, S. J. T., Brown, J., & L’Engle, K. (2008). Boys will be boys and girls better be prepared: An analysis of the rare sexual health messages in young adolescents’ media. *Mass Communication and Society*, 11(1), 3–23. doi: 10.1080/15205430701668139
- Hust, S. T., Marett, E. G., Ren, C., Adams, P. M., Willoughby, J. F., Lei, M., Ran, W., & Norman, C. (2014). Establishing and Adhering to Sexual Consent: The Association between Reading Magazines and College Students’ Sexual Consent Negotiation. *Journal Of Sex Research*, 51(3), 280-290. doi:10.1080/00224499.2012.727914
- Jozkowski, K. N. (2011). *Measuring internal and external conceptualizations of sexual consent: a mixed-methods exploration of sexual consent* (Doctoral dissertation). Acedido a 2 de Maio de 2016, em <http://pqdtopen.proquest.com/doc/884637353.html?FMT=AI>

- Jozkowski, K. N., & Peterson, Z. D. (2013). College students and sexual consent: unique insights. *Journal Of Sex Research*, 50(6), 517-523. doi:10.1080/00224499.2012.700739
- Jozkowski, K. N., Peterson, Z. D., Sanders, S. A., Dennis, B., & Reece, M. (2014a). Gender differences in heterosexual college students' conceptualizations and indicators of sexual consent: implications for contemporary sexual assault prevention education. *Journal of Sex Research*, 51(8), 904–916. doi: 10.1080/00224499.2013.792326
- Jozkowski, K. N., Sanders, S., Peterson, Z. D., Dennis, B., & Reece, M. (2014b). Consenting to sexual activity: the development and psychometric assessment of dual measures of consent. *Archives Of Sexual Behavior*, 43(3), 437-450. doi:10.1007/s10508-013-0225-7
- Kim, J. L., Sorsoli, C. L., Collins, K., Zylbergold, B. A., Schooler, D., & Tolman, D. (2007). From sex to sexuality: exposing the heterosexual script on primetime network television. *Journal of Sex Research*, 44(2), 145–157. doi:10.1080=00224490701263660
- Kim, J. L., & Ward, L. M. (2004). Pleasure reading: associations between young women's sexual attitudes and their reading of contemporary women's magazines. *Psychology of Women Quarterly*, 28, 48–58. Acedido a 4 de Maio de 2016, em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1471-6402.2004.00122.x/full>
- Kocur, D. J. (2016). The phenomenon of fifty shades of grey: the role of sexual satisfaction and motivation. *The New Educational Review*, 43(1), 274-284. doi: 10.15804/tner.2016.43.1.23
- Koss, M. P., Dinero, T. E., Seibel, C. A., & Cox, S. L. (1988). Stranger and acquaintance rape: are there differences in the victim's experience? *Psychology of Women Quarterly*, 12, 1-24.
- Koss, M. P., Gidycz, C. A., & Wisniewski, N. (1987). The scope of rape: incidence and prevalence of sexual and victimization in a national sample of higher education studentws. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 55(2), 162-170. Acedido a 26 de Junho de 2016, em https://www.jimhopper.com/pdf/Koss1987_Scope_of_rape.pdf
- Koss, M. P., & Oros, C. J. (1982). Sexual experiences survey: a research instrument investigating sexual aggression and victimization. *Journal of Consulting and*

- Clinical Psychology*, 50(3), 455-457. Acedido a 25 de Junho de 2016, em <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=1ade57f4-8ef1-48e1-9da0-6f42284f3680%40sessionmgr4010&vid=26&hid=4207>
- Krebs, C. P., Lindquist, C. H., Warner, T. D., Fisher, B. S., & Martin, S. L. (2009). College women's experiences with physically forced, alcohol- or other drug-enabled, and drug-facilitated sexual assault before since entering college. *Journal of American College Health*, 57(6), 639-647. Acedido a 24 de Maio de 2017, em <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=4&sid=d6fd56d6-fcf5-4c3d-a567-6c1ed07a2e61%40sessionmgr103&hid=107>
- Larimer, M. E., Lydum, A. R., Anderson, B. K., Turner, A. P. (1999). Male and female recipients of unwanted sexual contact in a college student sample: prevalence rates, alcohol use, and depression symptoms. *Sex Roles*, 40(3-4), 295-308. doi: 10.1023/A:1018807223378
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships: self-reported prevalence and attitudes in a portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52. doi: 10.1007/s10896-009-9268-x
- Makepeace, J. M. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations*, 30(1), 97-102. doi: 10.2307/584242
- Martinez, L. F., & Ferreira, A. I. (2008). *Análise de dados com spss: primeiros passos*. Lisboa: Escolar Editora.
- Muehlenhard, C. L., Humphreys, T. P., Jozkowski, K. N., & Peterson, Z. D. (2016). The complexities of sexual consent among college students: a conceptual and empirical review. *The Journal of Sex Research*, 53(4-5), 457-487. doi: 10.1080/00224499.2016.1146651
- Muehlenhard, C. L., & Linton, M. A. (1987). Date rape and sexual aggression in dating situations: incidence and risk factors. *Journal of Counseling Psychology*, 34(2), 186-196. Acedido a 22 de Maio de 2016, em <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=4&sid=c136f03c-845c-4342-a96d-53e4dce5c428%40sessionmgr103>
- Parry, D. C., & Light, T. P. (2014). Fifty shades of complexity: exploring technologically mediated leisure and women's sexuality. *Journal Of Leisure Research*, 46(1), 38-57. Acedido a 17 de Fevereiro de 2016, em <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=1ade57f4-8ef1-48e1-9da0-6f42284f3680%40sessionmgr4010&vid=32&hid=4207>

- Peixoto, J., Matos, M., & Machado, C. (2013). Violência sexual no namoro: os atletas universitários como grupo de risco?. *Psicologia*, 27(1), 133-156. Acedido a 15 de Maio de 2016, em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/psi/v27n1/v27n1a08.pdf>
- Peterson, Z. D., & Muehlenhard, C. L. (2007). Conceptualizing the “wantedness” of women’s consensual and nonconsensual sexual experiences: implications for how women label their experiences with rape. *Journal of Sex Research*, 44(1), 72–88. Acedido a 17 de Fevereiro de 2016, em <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=1ade57f4-8ef1-48e1-9da0-6f42284f3680%40sessionmgr4010&vid=35&hid=4207>
- Project Consent. (2014). Consent is simple: if it’s not yes, it’s no. Acedido a 11 de Maio de 2016, em <http://www.projectconsent.com/>
- Reenen, D., V. (2014). Is this really what women want? an analysis of fifty shades of grey and modern feminist thought. *South African Journal Of Philosophy*, 33(2), 223-233. doi:10.1080/02580136.2014.925730
- Tripodi, F. (2017). Fifty shades of consent?. *Feminist Media Studies*, 17(1), 93–107. doi: 10.1080/14680777.2017.1261846
- Warren, P., Swan, S., & Allen, C. T. (2015). Comprehension of sexual consent as a key factor in the perpetration of sexual aggression among college men. *Journal Of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 24(8), 897-913. doi:10.1080/10926771.2015.1070232

ANEXOS

Anexo A – Questionário apresentado *online*

As “Cinquenta Sombras de Grey” e o consentimento sexual em estudantes universitárias

O SexLab - Laboratório de Investigação em Sexualidade Humana da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto – está a desenvolver um estudo que tem por objetivo compreender a influência das “Cinquenta Sombras de Grey” no consentimento sexual dado por jovens universitárias. O estudo dirige-se a mulheres estudantes universitárias com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, independentemente de terem ou não visto/lido o filme/obra “Cinquenta Sombras de Grey”, mas que tenham tido relações sexuais com penetração vaginal nalgum momento da sua vida.

Este questionário encontra-se dividido em quatro partes, sendo que a primeira parte é relativa às questões sociodemográficas, a segunda inclui questões relacionadas com a visualização do filme, a terceira com a leitura da obra e a quarta requer que a pessoa se recorde da última vez em que se envolveu numa relação sexual com penetração vaginal.

Pedimos que responda às perguntas de forma sincera, pelo que não existem respostas certas ou erradas. O preenchimento do questionário é de cerca de 15 minutos; poderá desistir em qualquer altura se assim o entender. Dado o carácter intimista das perguntas, aconselhamos que responda em local privado.

No final do estudo, e mediante solicitação, as participantes poderão aceder a um resumo dos resultados gerais.

Para qualquer esclarecimento contacte: mipsi12059@fpce.up.pt

Muito obrigada pela sua colaboração,

Sara Freitas (aluna do Mestrado Integrado em Psicologia)

Professora Doutora Joana Carvalho (Investigadora Responsável)

Consentimento informado

Foi-me permitido conhecer a natureza e objetivos deste estudo e concedida a possibilidade de esclarecer qualquer aspeto que possa considerar pertinente, assim como, ter acesso a um resumo dos resultados gerais do estudo, caso seja do meu interesse.

Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer momento, recusar participar neste estudo. Desta forma, permito que os dados que aqui forneço de forma voluntária sejam utilizados para esta investigação na garantia de que não serão recolhidos dados que permitam a minha identificação, permanecendo confidenciais.

Declaro ainda que sou maior de idade e que li o formulário de consentimento.

___ Sim, confirmo a informação declarada anteriormente, concordo e aceito participar no presente estudo.

A. Variáveis sociodemográficas

1. Idade (este estudo limita-se a mulheres estudantes universitárias com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos)

2. Instituição de ensino

3. Nível de ensino que frequenta actualmente

Licenciatura	
Mestrado	
Doutoramento	
Outro	

Indique qual. _____

4. Nacionalidade

5. Orientação Sexual

Heterossexual	
Homossexual	

Bissexual	
Outro	

Indique qual. _____

6. Estado de relacionamento

Solteira e não sai em encontros	
Solteira, mas sai em encontros	
Numa relação ou casada	
Outro estado de relacionamento	

7. Tipo de relacionamento sexual

Exclusivo/ monogâmico	
Não-exclusivo/ não-monogâmico	
Encontros sexuais casuais	
Não envolvida atualmente em atividade sexual	

B. Visualização do filme “Cinquenta Sombras de Grey”

1. Viu o filme “Cinquenta Sombras de Grey” (independentemente de ter lido ou não os livros da referida obra)?

Sim	
Não	

2. Indique o seu grau de satisfação relativamente à visualização do mesmo:

Nada satisfeita	Pouco satisfeita	Indiferente	Satisfeita	Muito satisfeita

3. Qual foi a principal razão que a levou à visualização do referido filme?

4. Considera que de alguma forma a visualização do filme teve influência nos seus comportamentos sexuais? Em que aspetos?

C. Leitura da saga “Cinquenta Sombras de Grey”

1. Indique a melhor opção relativamente à leitura da saga “Cinquenta Sombras de Grey”:

Nunca li qualquer um dos livros.	
Comecei a ler um dos livros, mas não terminei.	
Realizei uma leitura completa de um dos livros.	
Realizei uma leitura completa de dois ou mais livros.	

2. Indique o seu grau de satisfação relativamente à leitura do(s) mesmo(s):

Nada satisfeita	Pouco satisfeita	Indiferente	Satisfeita	Muito satisfeita

3. Qual foi a principal razão que a levou à leitura da referida obra?

4. Considera que de alguma forma a leitura do(s) livro(s) desta obra teve influência nos seus comportamentos sexuais? Em que aspetos?

D. Consentimento Sexual

1. As pessoas podem ter diferentes sentimentos associados ao seu consentimento ou disposição para se envolverem em atividade sexual. Pense na última vez em que se envolveu numa relação sexual com penetração pénis-vagina.

Indique, por favor, em que medida concorda ou discorda com as seguintes afirmações relativamente à forma como se sentiu durante a última vez em que esteve envolvida numa relação sexual com penetração pénis-vagina.

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. Eu senti o meu batimento cardíaco acelerado.				
2. Eu senti-me corada.				
3. Eu senti-me agitada.				
4. Eu senti-me quente.				
5. Eu senti-me sensual.				
6. Eu senti a minha vagina lubrificada.				
7. Eu senti-me segura.				
8. Eu senti-me protegida.				
9. Eu senti-me em segurança.				
10. Eu senti-me respeitada.				
11. Eu senti-me determinada.				
12. Eu senti-me confortável.				
13. Eu senti-me no controlo.				
14. Eu senti-me ativada.				
15. Eu senti-me excitada.				
16. Eu senti-me interessada.				
17. O sexo pareceu-me consentido.				
18. O sexo pareceu-me concordado.				
19. O sexo pareceu-me pretendido.				
20. O sexo pareceu-me consensual.				

21. O sexo pareceu-me desejado.				
22. Eu senti-me preparada.				
23. Eu senti-me certa.				
24. Eu senti-me com vontade.				
25. Eu senti-me consciente da situação que me rodeava.				

2. As pessoas comunicam a sua disposição ou consentimento para se envolverem em atividade sexual de várias formas. Pense na última vez em que se envolveu numa relação sexual com penetração pénis-vagina. Perante cada um dos seguintes comportamentos, selecione a opção "Verdadeiro" ou "Falso" para indicar se é verdade ou não que utilizou determinado comportamento como forma de indicar o seu consentimento ou acordo para se envolver numa relação sexual com penetração pénis-vagina.

	Verdadeiro	Falso
1. Eu aumentei o contacto físico entre mim e o meu parceiro.		
2. Eu envolvi-me nalgum tipo de atividade sexual como beijar ou preliminares.		
3. Eu toquei no meu parceiro, mostrei-lhe o que queria através do toque ou aumentei o contacto físico entre mim e ele.		
4. Eu utilizei pistas não-verbais como linguagem corporal, sinais, sedução.		
5. Eu tirei a minha roupa e/ou a roupa do meu parceiro.		
6. Eu não resisti às tentativas do meu parceiro para atividade sexual.		
7. Eu não disse “não” nem afastei o meu parceiro.		
8. Eu deixei que a atividade sexual progredisse até ao ponto da relação sexual (coito).		
9. Eu retribuí os avanços do meu parceiro.		
10. Eu iniciei o comportamento sexual e verifiquei se este era recíproco.		
11. Eu utilizei pistas verbais tais como comunicar o meu interesse em ter sexo ou perguntar se ele queria ter sexo comigo.		
12. Eu indiretamente comuniquei o meu interesse em		

sexo (por exemplo, falei em obter um preservativo).		
13. Eu levei o meu parceiro para um lugar privado.		
14. Eu fechei a porta.		
15. Eu simplesmente continuei a avançar nos comportamentos sexuais, a não ser que o meu parceiro me parasse.		
16. Apenas aconteceu.		
17. Eu não disse nada.		
18. Eu não fiz nada; ficou claro pelas minhas ações ou por olhar para mim que eu estava disposta a envolver-me em atividade sexual.		

Muito obrigada pela sua participação!

Anexo B: Tabela com as saturações fatoriais para a ECI

As Saturações Fatoriais para a ECI (n=536)

Fatores	M	DP	Saturações Fatoriais		
			Fator 1	Fator 2	Fator 3
ECI	3.31	0.48			
Fator 1: Sensualidade e Segurança	3.37	0.56			
5: Sensual			.68		
6: Vagina lubrificada			.59		
7: Segura			.79		
8: Protegida			.77		
9: Em segurança			.77		
10: Respeitada			.63		
11: Determinada			.78		
12: Confortável			.79		
13: Controlo			.67		
14: Ativada			.73		
15: Excitada			.69		
16: Interessada			.67		
Fator 2: Consentimento Percebido	3.63	0.55			
17: Consentido				.88	
18: Concordado				.84	
19: Pretendido				.84	
20: Consensual				.88	
21: Desejado				.82	
22: Preparada				.70	
23: Certa				.63	
24: Com vontade				.66	
25: Consciente				.71	
Fator 3: Sensações físicas/	2.92	0.60			

Ativação Geral	
1: Batimento cardíaco acelerado	.64
2: Corada	.76
3: Agitada	.79
4: Quente	.58

Nota. A descrição dos itens foi reduzida para economizar espaço, pelo que no Anexo A encontra-se o questionário com a descrição completa de cada um dos itens.

Anexo C: Tabela com as saturações fatoriais para a ECE

As Saturações Fatoriais para a ECE (n=536)

Fatores	M	DP	Saturações Fatoriais				
			Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5
ECE	0.70	0.15					
Fator 1: Toque, Abordagem Física	0.94	0.18					
1: Aumentou o contacto físico			.77				
2: Envolveu-se em atividade sexual			.70				
3: Tocou no parceiro			.66				
Fator 2: Comunicação	0.50	0.36					
10: Iniciou o comportamento sexual e verificou se era recíproco				.57			
11: Utilizou pistas verbais				.66			
12: Comunicou o seu interesse sexual indiretamente				.75			
Fator 3: Envolvimento	.88	0.19					
4: Utilizou pistas não-verbais					.47		
6: Não resistiu às tentativas do parceiro					.70		
7: Não disse “não”, nem afastou o parceiro					.71		

8: Deixou que a atividade sexual progredisse			.54
9: Retribuiu os avanços do parceiro			.59
Fator 4: Momento Espontâneo	.38	0.36	
16: Apenas aconteceu			.77
17: Não disse nada			.78
18: Não fez nada, as suas ações foram óbvias			.69
Fator 5: Ação, Controle	.68	0.33	
5: Retirou a sua roupa e/ou do parceiro			.34
13: Levou o parceiro para um lugar privado			.76
14: Fechou a porta			.85

Nota. A descrição dos itens foi reduzida para economizar espaço, pelo que no Anexo A se encontra o questionário com a descrição completa de cada um dos itens.

Anexo D: Tabela com a distribuição dos itens da ECI e ECE por cada um dos seus fatores

Distribuição dos itens da Escala de Consentimento Sexual pelos cinco fatores de cada uma das escalas de consentimento.

	Fator	Itens	Exemplos
ICS	Sensualidade e Segurança	5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16	“O sexo pareceu-me consentido” (item 17)
	Consentimento Percebido	17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25	“Eu senti o meu batimento cardíaco acelerado” (item 1)
	Sensações Físicas/Ativação Geral	1, 2, 3, 4	“Eu senti-me segura” (item 7)
ECS	Toque/Abordagem Física	1, 2, 3	“Eu aumentei o contacto físico entre mim e o meu parceiro” (item 1)
	Comunicação	10, 11, 12	“Eu iniciei o comportamento sexual e verifiquei se este era recíproco” (item 10)
	Envolvimento	4, 6, 7, 8, 9	“Eu não resisti às tentativas do meu parceiro para atividade sexual” (item 6)
	Momento Espontâneo	16, 17, 18	“Apenas aconteceu” (item 16)
	Ação e Controlo	5, 13, 14	“Eu levei o meu parceiro para um lugar privado” (item 13)

Anexo E: Tabela com as categorias resultantes da análise de conteúdo para a questão B3

Categorias resultantes da análise de conteúdo às respostas dadas à questão B3 (Qual foi a principal razão que a levou à visualização do referido filme?)

Categoria	Exemplos de unidades de registo	Percentagem (frequência)
Leitura prévia do(s) livro(s)	“Já tinha lido o livro e tive curiosidade em visualizar o filme.”	30% (115)
Popularidade/Mediatismo	“Basicamente, curiosidade. Toda a gente estava a ler os livros, no metro, no comboio, em filas de espera. Tornou-se numa história tão popular que quis perceber a razão de tanto interesse”	28% (106)
Curiosidade/interesse não especificados	“Curiosidade”	25% (96)
Interesse pelo conteúdo	“Curiosidade acerca da história e do tema que esta aborda”	11% (43)
Influência de outros	“Uma amiga leu os livros e gostou imenso, quando o filme saiu convenceu-me a ir ver”	5% (19)
Interesse pelos atores	“Adoro o ator principal”	0.5% (2)
Procura de aprovação	“Queria confirmar que não era a única a realizar certas coisas”	0.3% (1)

Anexo F: Tabela com as categorias resultantes da análise de conteúdo para a questão C3

Categorias resultantes da análise de conteúdo às respostas dadas à questão C3 (Qual foi a principal razão que a levou à leitura da referida obra?)

Categoria	Exemplos de unidades de registo	Percentagem (frequência)
Popularidade/Mediatismo	“Curiosidade por ser tão comentado (nas redes sociais, nos media em geral...)”	30% (67)
Curiosidade/interesse não especificados	“Interesse”	29% (65)
Influência de outros	“Uma amiga minha estava a ler o primeiro livro o que me levou a lê-lo e depois comprei os outros dois”	20% (46)
Interesse pelo conteúdo	“Explorar a escrita da autora e curiosidade com a descrição dos atos sexuais/parafilias previamente reveladas existir na obra”	13% (30)
Visualização prévia do filme	“Diziam que os livros eram melhores que o filme”	6% (13)
Relação com a obra “Twilight”	“Li esta história quando ainda era uma fanfic (histórias criadas pelos fãs de um filme, livro, série, etc., neste caso foi escrita como uma fanfic baseada nas personagens do Twilight) quando tinha 14 anos”	1% (3)

Apoio à normalização da literatura erótica	“Querer apoiar a literatura erótica e a sua normalização”	0.4% (1)
--------------------------------------------	-----------------------------------------------------------	----------

Anexo G: Tabela com as categorias resultantes da análise de conteúdo para a questão B4

Categorias resultantes da análise de conteúdo às respostas dadas à questão B4 (Considera que de alguma forma a visualização do filme teve influência nos seus comportamentos sexuais? Em que aspetos?)

Categoria	Exemplos de unidades de registo	Frequência (percentagem)
Nenhuma influência	“Não mudou em nada, até porque não concordo com práticas sadomasoquistas”	83% (310)
Desejo de experimentar novas práticas sexuais	“De certa forma, sim. Não que me tivesse tornado adepta do sadomasoquismo, mas acho que algumas das "brincadeiras" são excitantes e ajudam no desenrolar do acontecimento naturalmente, como por exemplo, o prender as mãos do parceiro e vendar-lhe os olhos para explorar a sua sensibilidade ao toque”	7% (27)
Teve influência, não especificada	“Sim”	3% (10)
Adoção de uma postura diferente perante o sexo	“Sim, tornou-me mais confiante e desinibida”	3% (10)
Novas perspetivas acerca do sexo	“Sim, não de uma maneira tão extrema mas reduz um pouco o tabu de uma das pessoas ser mais dominante e de interpretação de papéis”	1% (5)
Aumento do conhecimento	“Mostrou-me outras	1% (5)

quanto à diversidade de práticas sexuais	práticas sexuais, nas quais já tinha ouvido falar, mas não com o detalhe e a minuciosidade que a autora tão bem abordou nos livros.”	
Aumento de fantasias sexuais	“Sim, fez-me ter mais vontade de criar fantasias”	1% (3)
Aumento do desejo sexual	“Aumentou o meu desejo sexual”	1% (4)

Anexo H: Tabela com as categorias resultantes da análise de conteúdo para a questão C4

*Categorias resultantes da análise de conteúdo às respostas dadas à questão C4
(Considera que de alguma forma a leitura do(s) livro(s) desta obra teve influência nos seus comportamentos sexuais? Em que aspetos?)*

Categoria	Exemplos de unidades de registo	Frequência (percentagem)
Nenhuma influência	“Não, na medida em que me considero uma pessoa com abertura para a diferença e para o desconhecido”	76% (165)
Desejo de experimentar novas práticas sexuais	“Sim. Alguns atos sexuais despertaram minha curiosidade e outros não. Deu-me vontade de explorar minha sexualidade junto ao meu companheiro”	7% (16)
Adoção de uma postura diferente perante o sexo	“Sim, de certa forma comecei a estar um bocadinho mais à vontade com o meu parceiro revelando-lhe a forma como gosto de fazer as coisas e sinto ainda, que isto melhorou bastante o nosso relacionamento a todos os níveis”	5% (11)
Aumento do desejo sexual	“sim, aumentaram o meu apetite sexual”	4% (8)
Aumento do conhecimento quanto à diversidade de práticas sexuais	“(…) e que há muito mais por detrás da própria prática sexual, há todo um conjunto de factores que são imprescindíveis para esta prática sexual”	3% (6)

Teve influência, não especificada	“Sim, qualquer livro bem produzido, suscita sempre algum comportamento. Em específico, este livro influenciou e suscitou determinados comportamentos sexuais”	2% (5)
Novas perspectivas acerca do sexo	“Sim teve. Olhei para outras práticas sexuais de forma diferente (...)”	2% (4)
Aumento de fantasias sexuais	“Apenas na capacidade de fantasiar a nível sexual”	0.5% (1)